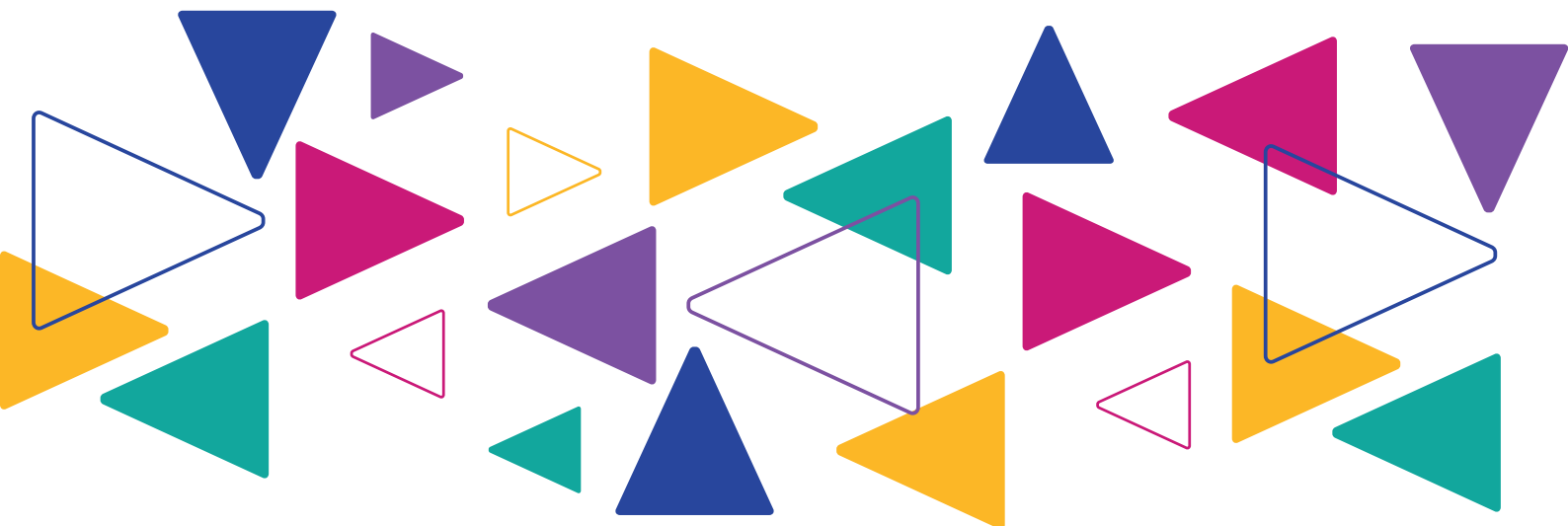




VOLUNTARIADO NO BRASIL: DUAS DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÃO

Artigos e análises de especialistas a
partir da realização da terceira edição da
Pesquisa Voluntariado no Brasil

Silvia Maria Louzã Naccache | Kelly Alves do Carmo | Felipe Pimenta de Souza



www.pesquisavoluntariado.org.br

A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 legitima o trabalho de milhares de voluntários na construção de um Brasil melhor, no presente e para as gerações futuras.

Em sua terceira edição, a Pesquisa traz um retrato brasileiro do tema, indica tendências e analisa as mudanças das últimas duas décadas.

Foi elaborada e coordenada por Silvia Maria Louzã Naccache, com apoio dos consultores Kelly Alves do Carmo e Felipe Pimenta de Souza. IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social - e o Datafolha assinam a realização.

Esta publicação teve o apoio de Ambev, Bradesco e Fundação Telefônica Vivo.

Para acessar a Pesquisa completa, acesse www.pesquisavoluntariado.org.br



ELABORAÇÃO E COODENAÇÃO

Silvia Maria Louzã Naccache



CONSULTORES

Kelly Alves do Carmo
Felipe Pimenta de Souza



REALIZAÇÃO

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS



IDIS
DESENVOLVENDO O
INVESTIMENTO SOCIAL



APOIO

ambev

 **bradesco**

 **FUNDAÇÃO
TELEFÔNICA
vivo**

▶	Prefácio	4
▶	Introdução	5
▶	História do Voluntariado no Brasil: de 1543 ao Bicentenário da Independência	10
▶	Voluntariado, Filantropia e Doação	13
▶	2001, o Ano Internacional do Voluntário	17
▶	2011 e a Década do Voluntariado	21
▶	O Voluntariado em 2021	23
▶	O futuro do voluntariado no Brasil	27
▶	Voluntariado e as situações emergenciais e humanitárias	31
▶	Voluntariado e os grandes eventos da década	35
▶	Programas de voluntariado estruturados: da informalidade a profissionalização da gestão	42
▶	Pandemia e seu impacto no Voluntariado	45
▶	Voluntariado Empresarial no Brasil na última década	47
▶	Voluntariado e Parcerias: apoiadores da Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021	51
▶	Redes e movimentos de voluntariado Brasil e Mundo	55
▶	Voluntariado: motivações, causas e propósito	57
▶	Conclusão: depoimento de um voluntário	61
▶	Voluntariado e Parcerias: apoiadores da Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021	63



PREFÁCIO

Em 2001, quando a ONU - Organização das Nações Unidas estabeleceu o Ano Internacional do Voluntário, diante de tantas comemorações realizadas à época, a primeira Pesquisa do Voluntariado no Brasil se tornou um marco para conhecer o perfil do voluntário brasileiro.

Dez anos depois, em 2011, na comemoração da Década do voluntariado, a Pesquisa Voluntariado no Brasil 2011 cresce de escopo buscando compreender mais sobre os voluntários.

De 2011 para cá, o Brasil passou por importantes momentos, como a evolução do voluntariado corporativo, a realização dos grandes eventos, as situações emergenciais humanitárias e, principalmente, os impactos da pandemia.

Diante de um ano profundamente marcado por uma reinvenção na forma de atuar voluntariamente, a Pesquisa Voluntariado no Brasil se torna uma das principais contribuições para a sociedade.

Esta é uma coletânea de artigos para celebrar o voluntariado no Brasil, contendo textos de opinião, cujo objetivo é apresentar o ponto de vista do(a) articulista.

São diversos em temas, personagens e estilos, de autores que gentilmente acolheram o nosso convite de contar histórias inspiradoras e trazer dados relevantes capazes de nos mostrar como os brasileiros, com criatividade e perseverança, constroem uma sociedade melhor e mais justa por meio da atividade voluntária.

A partir destes sensíveis relatos fica demonstrado e registrado o importante papel do voluntariado na construção de uma nação cidadã e solidária.

Boa leitura!

Silvia, Kelly e Felipe



INTRODUÇÃO

Os voluntários doam seu tempo, energia e talento em prol de causas em que acreditam. São essenciais para a sociedade, fazem a diferença e impactam positivamente a vida de milhares de pessoas.

Qual o perfil do voluntário no Brasil? Em quais atividades atuam? Como a pandemia realmente influenciou a atuação dessas pessoas? Quais as causas que mais recebem atenção do trabalho voluntário? São essas questões que as Pesquisas de Voluntariado no Brasil entre 2001, 2011 e 2021 procuram responder.

A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 legitima o trabalho de milhares de voluntários na construção de um País melhor, no presente e para as gerações futuras.

Sobre a Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021

O voluntariado faz parte da história do Brasil, tem suas raízes em 1543, na fundação da Santa Casa de Santos. Desde então, muita coisa mudou! Chega aos dias de hoje, na celebração do Bicentenário da Independência, transformado. O voluntariado evoluiu, inovou e ocupa todos os espaços da nossa sociedade. As organizações se multiplicaram, a atividade foi regulamentada, empresas passaram a promover programas de voluntariado, a tecnologia permitiu a atuação dos voluntários a distância.

Em 2001, no Ano Internacional do Voluntário, aconteceu a primeira edição da Pesquisa Voluntariado no Brasil. Dez anos depois, foi realizada a segunda pesquisa, celebrando a Década do Voluntariado. Seguindo a série histórica, surgem os resultados de 2021, ano profundamente marcado pela pandemia da covid-19 e pelo fortalecimento da cultura de doação, apresentando um retrato do engajamento do brasileiro – quem são os voluntários, onde atuam e quais suas motivações.

A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 valoriza o serviço voluntário no País. Amplia o conhecimento sobre as possíveis diferenças, tanto regionais como nos vários segmentos e traça o perfil do voluntário brasileiro, comparando sua transformação com as pesquisas realizadas em 2001 e 2011. Seus principais objetivos são:

- Identificar a relação do voluntariado na última década com os programas de voluntariado empresarial, com os grandes eventos realizados, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e também com o impacto da pandemia da covid-19;
- Refletir sobre a importância do voluntariado para o Brasil;
- Indicar tendências e analisar as mudanças das últimas duas décadas;
- Fomentar o tema e as práticas de voluntariado;
- Reconhecer e celebrar o serviço voluntário realizado pelos brasileiros.

A pesquisa foi conduzida pelo Instituto Datafolha e compreendeu etapas quantitativas e qualitativas como descrito a seguir.

Pesquisas quantitativas: possuem o objetivo de identificar o perfil dos voluntários e dos não voluntários no Brasil:

1. Entrevistas pessoais e individuais, com pessoas de 16 anos ou mais que fazem ou não atividades voluntárias, realizadas em pontos de fluxo populacional de abrangência nacional. (2.086 pessoas, a margem de erro máxima para o total das amostras é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%).
2. Entrevistas pessoais, individuais e específicas com voluntários - pessoas que fazem ou já fizeram alguma atividade voluntária, com 16 anos ou mais, realizadas em pontos de fluxo populacional, distribuídos em oito capitais brasileiras: Brasília, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. (1.556 voluntários, a margem de erro máxima para o total das amostras é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%).

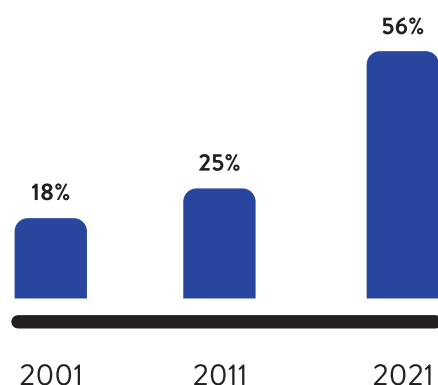
Pesquisas qualitativas: são exploratórias, possuem o objetivo de investigar em profundidade os aspectos comportamentais, opiniões, captar informações e obter uma análise profunda e detalhada sobre as percepções de voluntários, de especialistas e interessados no tema:

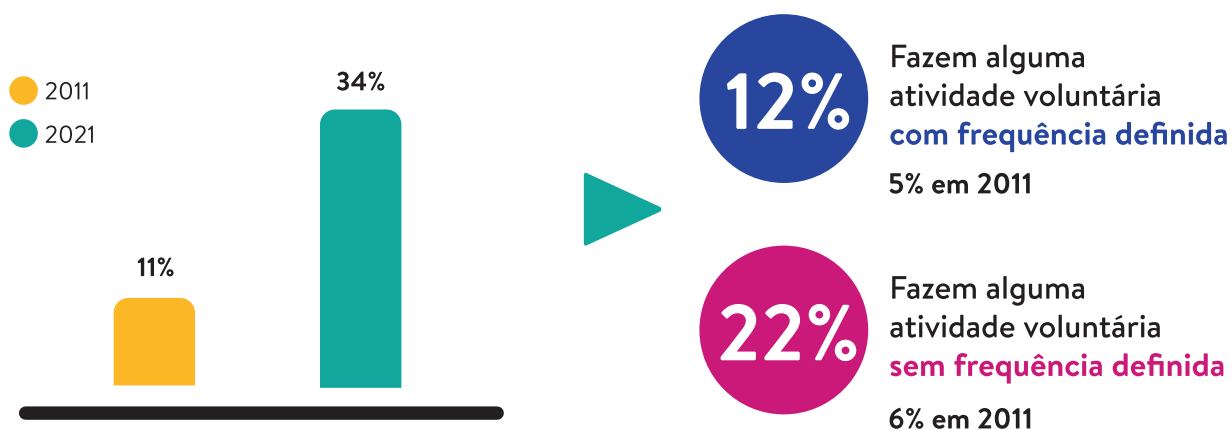
1. Entrevistas e conversas online em grupo - grupos focais, com pessoas que praticam trabalho voluntário no mínimo uma vez a cada 15 dias, desde antes da pandemia, de três capitais representativas de regiões distintas: Porto Alegre, Recife e São Paulo.
2. Entrevistas online individuais em profundidade sobre voluntariado com oito formadores de opinião, diversificados por tipo de atuação e regiões do Brasil.

OBS: Embora o planejamento da pesquisa tenha sido feito ao longo de 2021, em razão da pandemia e problemas decorrentes, as pesquisas quantitativas aconteceram entre o final de 2021 e o início de 2022.

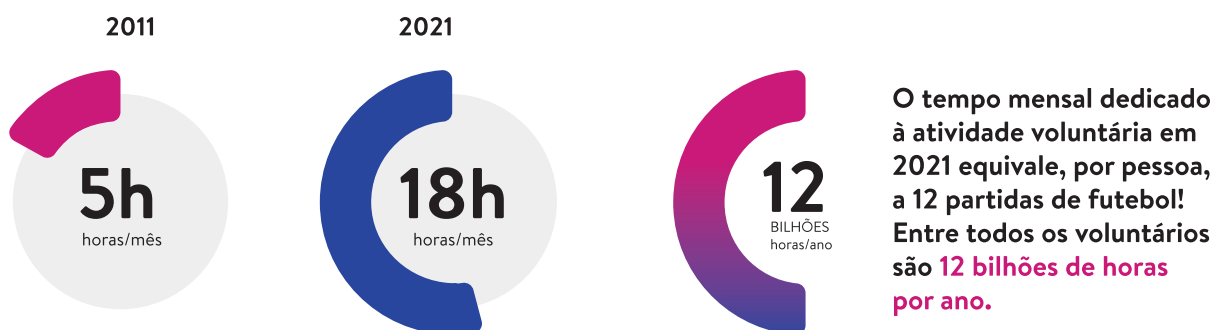
Destaques dos resultados da Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021:

Brasileiro que faz atualmente ou já fez trabalho voluntário

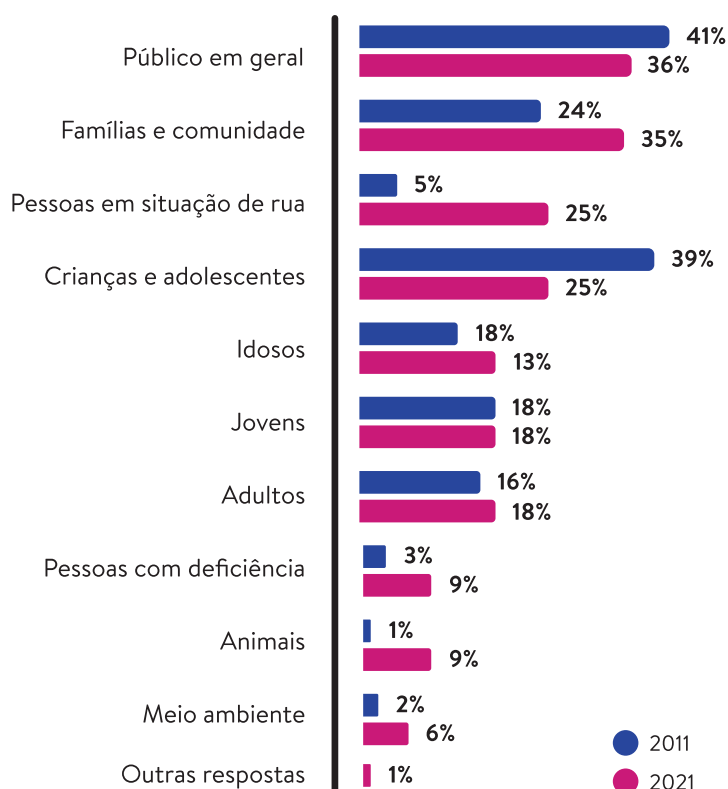




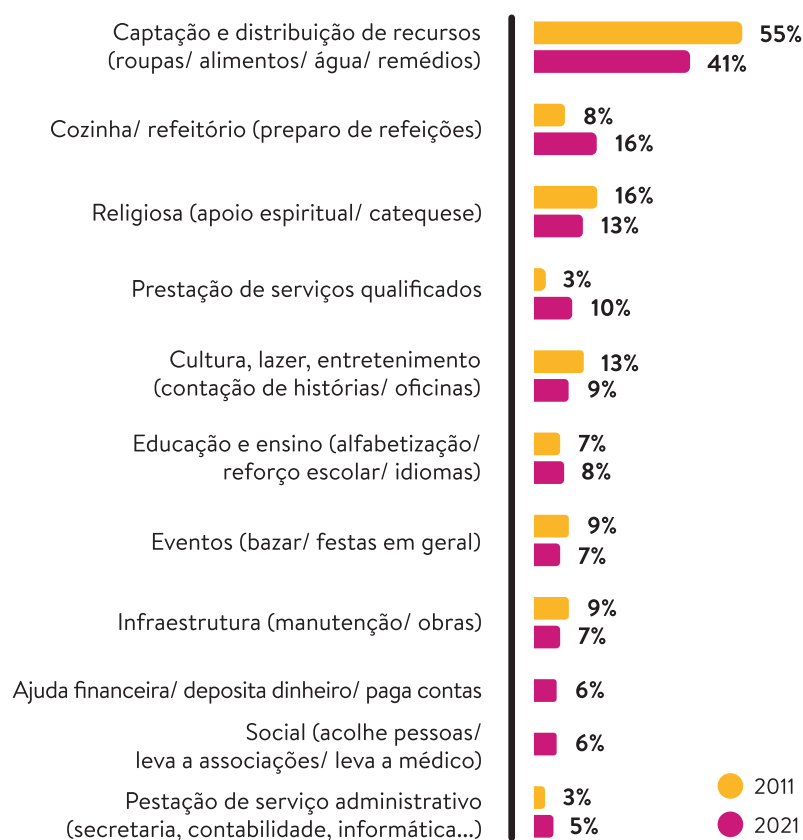
Quantidade de horas média dedicadas por mês/voluntário



Público beneficiado pela atividade voluntária



Atividades Voluntárias realizadas:



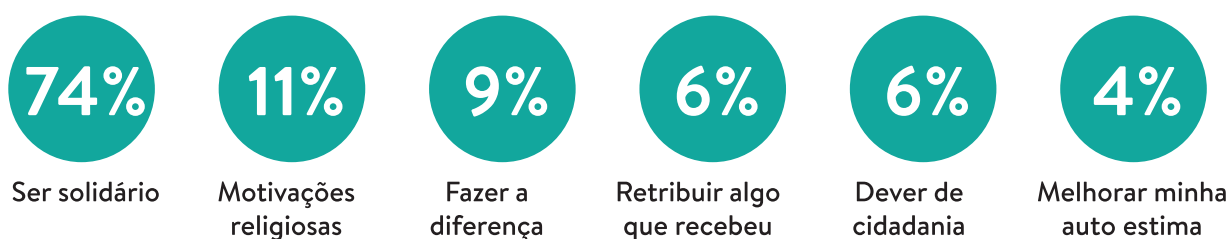
O perfil do Voluntário

Gênero: 48% mulheres | 51% Homens | 1% declarou outras respostas

Idade média dos voluntários é de 43 anos

Escolaridade: 50% dos voluntários têm o ensino médio completo e superior incompleto

Motivação:



Voluntariado Empresarial



15% dos voluntários estão engajados em programas de voluntariado corporativo, o que corresponde a 5,7 milhões de brasileiros.

Destes, cerca de 2,4 milhões (42%) são voluntários regulares, com frequência definida.

Situações Emergenciais e Humanitárias e o Impacto da Pandemia

Durante a pandemia houve um aumento de **47%** de pessoas praticando o voluntariado, destaque para o atendimento aos públicos mais vulneráveis e a grande mobilização de recursos materiais, tais como alimentos, produtos de higiene, etc.

E ainda, **21%** dos voluntários passaram a realizar ações online.

Outros temas explorados na pesquisa:



49% compreendem que os grandes eventos realizados na última década como a Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Rio+20, etc, contribuíram para aumentar o engajamento dos brasileiros no trabalho voluntário.

55% os voluntários desconhecem a Lei do Serviço Voluntário no Brasil e apenas 18% assinam o Termo de Adesão ao Serviço Voluntário. (Lei 9.608 de 1998)

Grau de Motivação Grau de Satisfação

A motivação com a própria atividade voluntária segue alta, **80%** com nota média de **9,3** em uma escala de 0 a 10. A razão da alta motivação é poder ajudar ao próximo.

Para os menos motivados, sentem falta de apoio e de recursos para fazer voluntariado.

74% estão totalmente satisfeitos com seu voluntariado com nota média de **9,1** em uma escala de 0 a 10. O que mais deixa satisfeito é: a organização do local onde atua, o apoio recebido para realizar a ação e palestras e cursos oferecidos.

É amplamente aceita a ideia de que o voluntariado está relacionado a conhecimento de outras realidades, cidadania, transformação e desenvolvimento pessoal, e há grande disposição para doar tempo para essas atividades:

99% concordam que o trabalho voluntário leva as pessoas a conhecerem outra realidade

97% concordam que a atividade voluntária é um exercício de cidadania.

97% concordam que o trabalho voluntário é um processo transformador.

96% concordam que a atividade voluntária o inspira a ser uma pessoa melhor.

93% concordam que se os resultados das atividades voluntárias fossem mais divulgados, mais pessoas se tornariam voluntárias.

92% concordam que gosta de doar parte do tempo para ajudar as pessoas da comunidade.

Ao longo de 20 anos o voluntariado se transformou, mas o que de fato revelam os dados coletados nessas três edições de pesquisa? Números, sem análise, podem ser de pouca valia. Por isso, convidamos especialistas para nos ajudar a compreender o que tem acontecido no campo do voluntariado e quais eventos e transformações sociais influenciaram o cenário que vemos hoje. As análises contribuem para entendermos como podemos atuar de forma a ampliar o impacto do trabalho voluntário no Brasil e trazem indicativos do que podemos fazer para moldar o futuro.



História do Voluntariado no Brasil: de 1543 ao bicentenário da Independência

UM BRASIL SEMPRE DEDICADO AO VOLUNTARIADO

Por Maria de Fátima Alexandre, mestra em administração, docente de cursos de especialização e pesquisadora do NEATS - Núcleo de Estudos Avançados em Terceiro Setor da PUC-SP.

Desde sempre, no Brasil e no mundo, o voluntário é a pessoa que ajuda outras pessoas sem exigir benefícios próprios diretos. O que tem mudado, e muito, é a forma de exercer o voluntariado e o entendimento da função social dessa ação. Na linha do tempo brasileira, identificamos grandes momentos que impactaram quem exerceria a atividade voluntária e como ela se daria no contexto da sociedade.

O primeiro movimento voluntário revela ações marcadas pela benemerência, num amplo período que perdurou no Brasil Colônia, Império e Primeira República, até início do século XX. Pouco mais de quatro décadas depois do descobrimento do Brasil, a então colônia funda sua primeira Santa Casa, gerida pela Irmandade de Misericórdia, uma instituição de assistência criada em Portugal alguns anos antes, de acordo com os costumes e ensinamentos cristãos. O capitão-mor, Braz Cubas, criou a Casa de Saúde próxima ao Porto de Santos com o apoio de doações para o tratamento ‘da gente do mar e forasteiros’ que necessitassem de socorro.

Este marco do voluntariado no País, multiplicado em outras instituições de abrigo e assistência a necessitados, geralmente vinculadas à Igreja Católica, representava o ideário da caridade cristã, expressa na forma de assistência social. Frente a ausência de políticas públicas efetivas, as irmandades religiosas, mantidas em grande parte pelas famílias da elite, exerciam importante papel na assistência, em especial aos que estivessem ‘caídos em desgraça’, ‘desvalidos’ e às crianças abandonadas. Refletindo os valores e costumes da época, o voluntariado era exercido predominantemente por mulheres, em tom religioso, paternalista e rigorosamente moralizador.

O século XX trouxe mudanças sociais, econômicas e políticas que, provocando profundas transformações na sociedade brasileira, naturalmente fizeram evoluir o agir voluntário, acompanhando esses movimentos. A Cruz Vermelha e o Escotismo, movimento composto por voluntários, chegaram ao País no início do século XX, dando um novo impulso à missão de ajuda ao próximo. A partir da década de 1930, o Estado passa a assumir papel mais atuante frente as necessidades da população, inicialmente pela proteção dos direitos

do trabalhador e gradativamente gerando políticas públicas de assistência e bem-estar social. As ações voluntárias, embora ainda essenciais para o atendimento das necessidades básicas de significativa parcela da população, passam a ser vistas como suplementares e não mais um sistema paralelo à atuação do Estado.

Com o golpe de 1964, o Brasil mergulhava em 21 anos de ditadura militar, sendo os anos de chumbo os mais repressivos e violentos no embate criado entre Estado versus sociedade civil. Esse foi o período em que tivemos o chamado voluntariado combativo, com organizações de defesa de direitos civis, os movimentos estudantis e as alas progressistas da Igreja Católica, alinhadas com a Teologia da Libertação, lutando contra a desigualdade e as injustiças sociais. Traziam grandes questionamentos sobre o papel da sociedade frente as causas sociais e a garantia de direitos humanos, ao mesmo tempo que atos institucionais e outros instrumentos do governo procuravam reprimir e centralizar o poder.

Esse cenário foi se modificando a partir da década de 1980 com a expansão das organizações do Terceiro Setor e com a Constituição de 1988, fortalecendo a sociedade civil e sua capacidade de participação cidadã. Iniciava-se a construção de um novo voluntariado, mais crítico em relação às ações de benemerência e mais disposto ao alinhamento com o Estado face à complexidade e o tamanho dos desafios, especialmente os ligados à imensa desigualdade social brasileira. O setor empresarial, chamado à mobilização pelos conceitos emergentes de Responsabilidade Social Empresarial, também estruturou seu voluntariado organizacional, estimulando os colaboradores à participação em ações sociais com a parceria de organizações da sociedade civil. No final do século, a Pastoral da Criança, com seus líderes comunitários contribuindo efetivamente para a queda da mortalidade infantil e a Ação da Cidadania Contra a Fome, do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, no IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, tiveram papel expressivo na mobilização nacional: todas as pessoas poderiam se sentir solidárias e aptas a participar da mudança social.

Na virada do milênio, a cultura de um novo voluntariado foi fortalecida pelos Centros de Voluntariado do Conselho da Comunidade Solidária, num esforço nacional para mostrar que o voluntariado não é acionado pelo sentimento de culpa, mas que o exercício de cidadania que ele proporciona pode trazer prazer e ser uma atividade qualificada e eficiente.

Decorridos 22 anos do século XXI, os desafios sociais continuam crescentes e, muitas vezes, nos pegam de surpresa, como o isolamento social causado por uma pandemia que exigiu que os voluntários encontrassem novas formas de acolher quem foi mais atingido. Além dos desafios atuais, não sabemos o tamanho dos que nos esperam no futuro, mas sabemos, sim, que voluntários estarão presentes doando sua energia, tempo e talento na construção de novas relações, até que todos, sem exceção, possam exercer o seu direito a uma vida plena.

SANTA CASA DE SANTOS E O VOLUNTARIADO BRASILEIRO CELEBRAM 480 ANOS

Por Nanci Fernandes Loureiro, presidente da AVOSC - Associação dos Voluntários da Santa Casa de Santos e Eliana Lopes Feliciano, diretora de Humanização da Santa Casa de Santos.

Braz Cubas, fidalgo português e líder do povoado do porto de São Vicente, posteriormente Vila de Santos (SP), auxiliado por outros moradores, iniciou, em 1542, a construção da Santa Casa da Misericórdia de Santos, o mais antigo hospital brasileiro, inaugurando-o em novembro de 1543. Braz Cubas chegou com Martim Afonso de Souza nessa missão colonizadora de nosso País; era neto de Nuno Rodrigues, fundador e mantenedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, daí seu empenho na construção do hospital no povoado.

Tendo prestado quase cinco séculos de assistência, a Santa Casa da Misericórdia de Santos participou de todos os ciclos da história de nossa pátria. Cuidou dos fundadores desta Nação - os navegantes lusos, colonos, nativos e escravos. Atendeu aos bravos bandeirantes e aos pobres condenados. Tratou igualmente de nobres e de vassalos do Império Português e do Brasil Imperial. Serviu ao encontro de heróis da Independência e da Abolição da Escravatura, de tradicionais monarquistas e de inflamados republicanos. Cuida de patrões e de operários, de empregados e de desempregados. Ponto de união entre todos os segmentos da sociedade, é local de encontro de seus membros quando tomados pela dor e pela doença.

A Santa Casa da Misericórdia de Santos serviu para a prática e o ensino da Medicina quase três séculos antes da fundação da primeira Faculdade de Medicina no País. Ciência e muito humanitarismo se praticou em suas enfermarias.

Ela tem em sua história o marco zero do voluntariado no Brasil: o berço dos primeiros grupos de voluntários, atuantes até hoje, se formalizou com a fundação da AVOSC – Associação de Voluntários da Santa Casa de Santos. Ela foi criada em meio à epidemia de gripe asiática, em 1957, quando a instituição precisou recrutar pessoas para auxiliar nas tarefas que não precisavam de formação profissional devido ao grande número de funcionários afastados, acometidos pela doença. Muitas pessoas de boa vontade atenderam ao apelo. Assim, teve início a história da AVOSC, cujos voluntários são conhecidos como ‘amarelinhos’, devido à cor de seus uniformes. Atualmente, o grupo é formado por 92 voluntários, que acolhem os pacientes, suprimindo suas carências com o fornecimento de enxovais, materiais de higiene, empréstimos de bengalas, muletas, entre outras necessidades. A AVOSC é a grande parceira nos projetos de humanização hospitalar da Santa Casa de Santos desde 2002. O voluntariado e a Comissão de Controle de Qualidade do hospital atuam de forma integrada com o objetivo de assegurar índices satisfatórios na prestação dos serviços hospitalares.

Além do apoio nas doações de recursos materiais, os voluntários da AVOSC levam solidariedade e humanismo nas visitas realizadas nas unidades de internação e a meta é proporcionar as condições para o bem-estar do paciente no hospital, pois, em muitas circunstâncias, apenas uma palavra amiga e o calor humano são o que mais importam.

Neste ano de 2022, o Brasil comemora os seus 200 anos de independência e a Santa Casa de Santos e o Voluntariado brasileiro celebram 480 anos.



Voluntariado, Filantropia e Doação

TUTELA E EMANCIPAÇÃO: DOIS CAMINHOS PARA O VOLUNTARIADO

Por Bruno Barcelos, consultor em projetos nas áreas de ESG – Environmental, Social and Governance (em português Ambiental, Social e Governança), Sustentabilidade, Investimento Social Privado e Voluntariado para iniciativas privadas e públicas do Brasil e Portugal.

O voluntariado cruza-se com vários conceitos, dentre eles a caridade, a assistência, as doações e outros cuja relação aprofundi na minha dissertação de mestrado. Contudo, das palavras que cercam o voluntariado, apenas uma não pode estar de fora: ação. Depois disso, há que se cuidar na relação do voluntariado para fins de tutela ou emancipação dos envolvidos, com a atenção de que a tutela pode ter mais a ver com a manutenção das desigualdades estruturais do que com a sua resolução.

As bases coloniais influenciaram a constituição conceitual e prática da caridade institucional no Brasil. A revisão historiográfica permite identificar a chegada das ordens religiosas com a finalidade colonial, portando consigo os valores a serem implantados, com ou sem consentimento das populações originais, que de protagonistas do seu território precisaram estabelecer novas relações sociais junto aos viajantes, e identificadas como pessoas assistidas, analfabetas, com necessidade de ensino e catequese, e pobres em moral e cultura, sob o discurso dos que invadiam.

A pauta civilizadora era tal que, ao buscar fincar no novo mundo uma réplica dos seus modelos de gestão monárquica, eclesiástica e comercial, foi necessário também trazer consigo as irmandades que cuidariam dos efeitos colaterais da sua própria ação: os modelos urbanos e sociais que implementavam à maneira da metrópole, carregavam a pobreza, doenças, a peste, e sistemas desiguais que demandavam a assistência aos vulneráveis e doentes, executadas principalmente pelas Santas Casas de Misericórdia.

A partir daí, o modelo de assistência social varia conforme os padrões de gestão do Estado, influenciado pelas variações na relação do governo com a igreja. Basicamente, tornava o doador um cidadão virtuoso perante as instituições que integrava, e isso carregou o conceito de voluntariado com características que até hoje vigoram. Sendo a caridade mais ligada à benevolência da igreja e a filantropia à sociedade civil.

Portanto, o termo caridade, apesar de originalmente significar ‘amor’, cresceu ligado à noção de ‘desvalido’. Ou seja, os atos de caridade, seriam destinados a aqueles que são

desprotegidos por ‘paternidade’ – ou paternalismo. E podemos reparar até hoje que a figura do coitado desvalido é tão desempoderada e, ao mesmo tempo, utilitária, que, nessa lógica, aos ricos pedir esmola em sua função ‘era’ considerado virtuoso. Dito isso, a figura utilitária do pobre para salvação dos ricos é uma equação comum na concepção de caridade, e é importante ter isso no radar ao aplicar esse termo: a ação de voluntariado que se pratica coloca doador e recebedor em posição de igualdade ou é um exercício enobrecedor do doador?

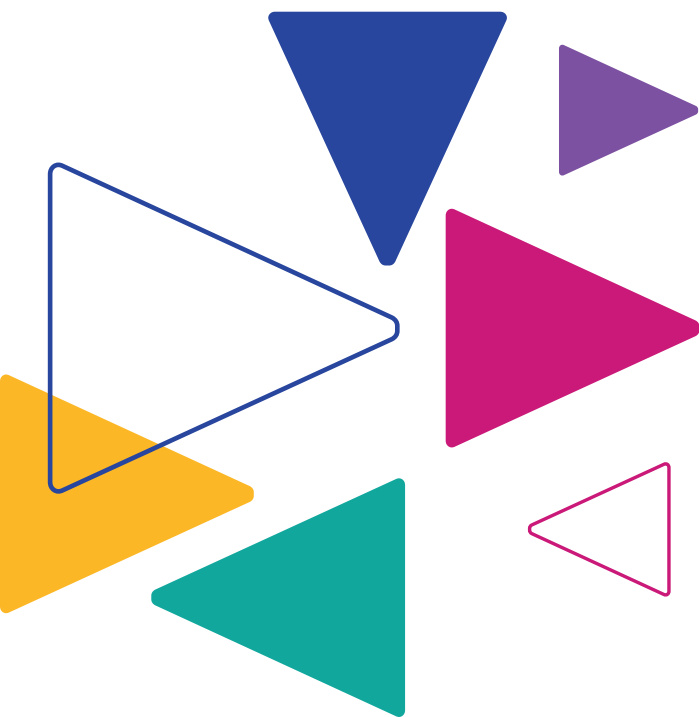
Remetendo a Dilene Nascimento : “a filantropia pode ser explicada, grosso modo, como a laicização da caridade cristã, ocorrida a partir do século XVIII, e que teve nos filósofos das luzes seus maiores propagandistas.” Provavelmente, uma diferença entre esses dois conceitos seja que a filantropia pode conceder ao doador maior protagonismo do seu ato, em relação ao donatário, conferindo utilidade a publicitação das suas obras, para fins de destaque social e intercâmbio de ideias. Felizmente, no Brasil, a Filantropia junto ao Investimento Social Privado evolui para práticas estruturantes que buscam a emancipação e o impacto.

Por fim, uma palavra transversal aí tem sido a doação, e mais profícuo que problematizá-la é enquadrá-la como ação necessária, pontualmente, como uma ferramenta das relações de voluntariado de continuidade. Com a doação é possível alcançar grandes números de engajamento e benefício, e ela é, muitas vezes, uma porta de entrada para o voluntariado transformador.

O consenso é que: doação, filantropia, caridade e voluntariado, são termos que coexistem e farão muito se apontarem para uma dinâmica social libertadora.

Referências:

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. Liga Brasileira contra a Tuberculose: um século de luta. Fundação Ataulpho de Paiva – Rio de Janeiro, Quadratim/FAPERJ, 2001, 156p.
<https://voluntariadoempresarial.org.br/tese-de-mestrado-voluntariado-no-brasil-e-portugal/>



VOLUNTARIADO: UMA ESCOLHA QUE TRANSFORMA

Por Carola Matarazzo, diretora-executiva do Movimento Bem Maior.

A palavra ‘voluntário’ veio do latim e já tinha em sua origem o significado de ‘agir por vontade própria’. Agora, penso ser mais do que justo também associarmos esse termo à ‘escolha de estar no mundo’, quando falamos de alguém que decide destinar, sem remuneração, parte do seu tempo, do seu conhecimento e do seu amor para, simplesmente, servir a uma causa importante.

Quem faz essa escolha vai além de ser empático. Depois de se identificar com a necessidade do outro, dá um passo adiante e age de maneira simpática, com afinidade e com muita disposição para prestar o apoio. Costumo dizer que um sentimento especial surge como se fosse um ‘fogo sagrado’ no peito que te move a querer ajudar mais.

Além de auxiliar quem precisa, os voluntários percebem que a prática altruísta faz muito bem a eles próprios. Não há nenhum exagero em dizer que dádivas aparecem pelo caminho. Durante os trabalhos, há uma enorme troca de aprendizados, com cada encontro trazendo experiências novas, provocando emoções diversas e gerando estímulos para seguir adiante.

Um doador, quando contribui destinando dinheiro (e é fundamental que isso vire uma rotina!) para alguma causa, está ajudando a mudar o mundo. Mas, talvez, ele não consiga ver de perto o impacto que a sua contribuição faz na vida dos outros. Já ao se envolver diretamente nas atividades, é possível ter a chance de olhar nos olhos de quem está sendo ajudado e, por exemplo, receber um sorriso como agradecimento. O simples ato de fazer algo que possa ser maior que você e pensar no coletivo é transformador.

Em um país como o Brasil, principalmente, as ações emergenciais são extremamente necessárias e auxiliam muito a minimizar o sofrimento. Quando há, por exemplo, fortes chuvas que provocam deslizamento de terras, é preciso mobilização para levar o apoio o mais rapidamente possível. Ficamos todos consternados. Agora, não podemos parar por aí.

Sem ações estruturais, o deslizamento de terras pode se repetir no próximo verão. Além disso, também devemos ficar consternados todos os dias com as tragédias persistentes em nossa sociedade, como a injustiça social. Não podemos encará-la com normalidade.

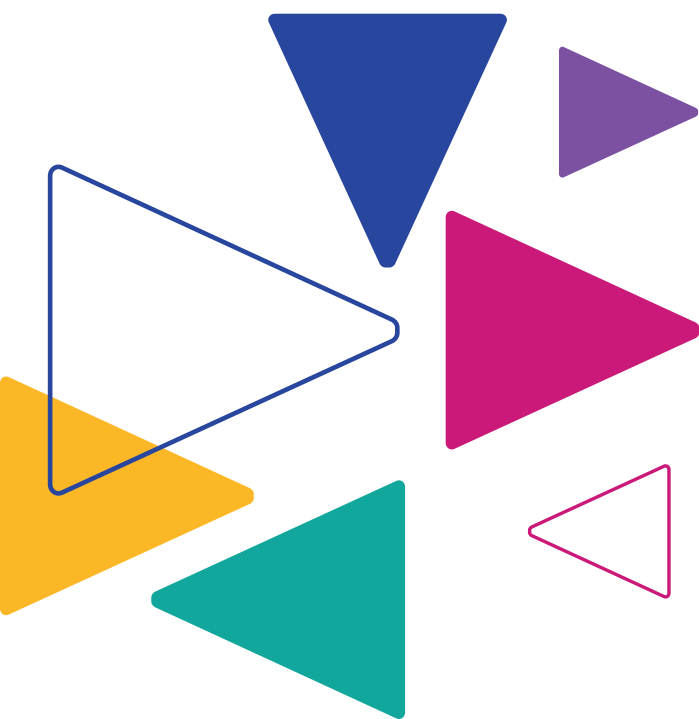
Os voluntários podem se envolver em filantropia ou em caridade – ambas estão relacionadas à generosidade, ao desejo de fazer o bem ao próximo, mas elas têm proporções e significados diferentes, apesar de muitas pessoas confundirem os conceitos.

A filantropia exerce um importante papel em uma sociedade democrática, que é o de buscar cortar as raízes dos problemas e resolver questões mais sistêmicas. Já as iniciativas de caridade miram em eliminar os sofrimentos causados por esses problemas, de forma pontual.

Por quase 20 anos, trabalhei como voluntária na Liga Solidária e, posso dizer com clareza, que aprendi muito mais do que eu servi nesse período. Ao longo da minha trajetória, vejo que a solidariedade está muito ligada à questão cultural. Eu nasci em uma casa onde o trabalho voluntário era altamente enaltecido. Quando criança, eu me lembro de estar ao

lado da minha mãe vendendo cartelas de bingo para a Fundação Dorina Nowill para Cegos. Iniciativas assim sempre foram naturais em minha vida.

Esse foi um legado que recebi e procuro passar adiante. Sei que voluntariado não é uma questão de se mostrar mais ou menos bondoso ou de ter mais ou menos horas livres (claro, cada um atua dentro das suas possibilidades). Mas é, sim, uma decisão feita por quem escolheu servir como uma condição, como uma forma de viver. Espero que o comportamento solidário seja enraizado na cultura brasileira para construirmos um país mais justo.





2001: o Ano Internacional do Voluntário

VOLUNTARIADO NO BRASIL: PRIMEIROS DADOS E PESQUISAS

Por Ana Maria Warken do Vale Pereira, diretora e consultora de programas de Voluntariado e Responsabilidade Social na empresa WVP Consultoria e Treinamento, fundadora do IVA - Instituto Voluntários em Ação.

Como dizemos sempre que falamos sobre voluntariado, essa prática é bastante antiga no Brasil, mudando suas características segundo o momento histórico que vivemos.

De uma forma bastante resumida, podemos dizer que o voluntariado começou como uma prática bastante assistencialista, na qual quem tinha mais dava ao que menos tinha ou nada tinha. Eram distribuídas as sobras dos mais abastados: sobra de comida, de roupa, de dinheiro e até mesmo de atenção e carinho. Era o voluntariado das sobras.

Tivemos ainda uma importante época do voluntariado no Brasil quando se preocupou em criar organizações que pudessem atender às necessidades da população na área da saúde, com a criação das Santas Casas de Misericórdia: os primeiros hospitais filantrópicos. Também as escolas de iniciativa religiosa, que eram criadas igualmente como organizações filantrópicas, podem ser citadas como iniciativas voluntárias.

Tivemos também a época do voluntariado político, quando a falta de oportunidades de participação da população na definição dos destinos do País e das cidades motivou o engajamento voluntário na luta pela liberdade e pelos direitos do cidadão. Enfim, o voluntariado sempre foi presente e com características diferentes, conforme o momento histórico que vivenciávamos.

A partir dos anos 1990, tivemos um marco importante do voluntariado no Brasil, fruto do trabalho do sociólogo Herbert de Souza, que, utilizando toda a sua capacidade de mobilização, criou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela vida, conhecida como a “Campanha contra a fome”.

Betinho, como ficou conhecido, virou um símbolo da cidadania e, nesse rastro, o voluntariado deu uma importante guinada no Brasil, passando a ser considerado uma forma de exercício da cidadania.

O voluntariado passou a ser visto como uma forma de sermos cidadãos plenos, cumprindo com nossos deveres e recebendo nossos direitos como cidadãos que somos.

Como exercício de cidadania, o voluntariado deixou de ser o voluntariado das ‘sobras’ e se tornou em um aspecto importante da vida do cidadão.

No final dos anos 1990, surgiu a iniciativa do Conselho da Comunidade Solidária. Criada pela então primeira-dama do País, Ruth Cardoso, para apoiar e mobilizar iniciativas que contassem com o apoio de empresas, indivíduos e organizações públicas, dando visibilidade e fortalecendo um setor da sociedade já existente, mas ainda pouco reconhecido e visível: o Terceiro Setor e suas organizações não governamentais.

O Conselho da Comunidade Solidária iniciou um processo de motivação para a criação de Centros de Voluntariado nas capitais do País e esses centros foram importantes focos de conhecimento, estudos e disseminação da prática do voluntariado, como forma de exercício da cidadania. As ações voluntárias, que até então eram exercidas de forma anônima, ganharam rostos e visibilidade, mostrando o que era realizado e o que ainda poderia ser feito com a adesão de mais pessoas a essa prática. O trabalho realizado pelos centros de voluntariado, sem dúvida, disseminou essa prática e multiplicou as pessoas que o realizavam.

Como a prática do voluntariado crescia rapidamente e a ideia era que essa cultura fosse cada vez mais difundida no mundo, a ONU - Organização das Nações Unidas decidiu que 2001 seria o Ano Internacional do Voluntário.

No Brasil, os Centros de Voluntariado organizaram uma extensa programação que deu muita visibilidade ao tema e, em Santa Catarina, não foi diferente. Lideradas pelo Instituto Voluntários em Ação, muitas organizações se reuniram e mobilizaram suas ações para que pudessem mostrar que o voluntariado não era importante apenas na área de assistência social, mas também em atividades da área da educação, meio ambiente, cultura e artes, saúde e outras tantas foram realizadas, dando muita visibilidade ao tema, deixando um legado de prática voluntária cada vez mais crescente e mais diversificada.

As pesquisas sobre voluntariado realizadas em 2001 e 2011 mostraram como o brasileiro é sensível ao tema do voluntariado e como tem o desejo de colaborar com causas comunitárias, faltando apenas as organizações se prepararem para recebê-los e aproveitarem todo o potencial que eles oferecem. Nesse sentido, podemos afirmar que os Centros de Voluntariado exerceram um importante papel, não só capacitando pessoas para o voluntariado, mas, principalmente, capacitando as organizações do Terceiro Setor para recebê-los e aproveitarem todo o seu potencial para o trabalho.

Com o crescimento da utilização da tecnologia em todas as áreas da sociedade, o voluntariado também ganhou uma forte colaboração com a prática do voluntariado online, o que acontece com bastante frequência, aumentando ainda mais as possibilidades de o voluntário engajar-se e dar sua contribuição para a melhoria da sociedade onde vive.

2001: O ANO PARA CELEBRAR O VOLUNTÁRIO

Por Heloisa Coelho. Fundadora e diretora do RioVoluntário, da Central de Voluntários do Rio de Janeiro e coordenadora do Ano Internacional do Voluntário.

“Houve um incêndio na floresta e, enquanto os bichos corriam apavorados, um beija-flor ia do rio para o incêndio levando uma gotinha de água no bico. O leão perguntou: ‘Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho? E o beija-flor respondeu: ‘Não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte’”.

Essa fábula contada pelo sociólogo Herbert de Souza, o inesquecível Betinho, como metáfora da solidariedade, é muito inspiradora e nos mostra que em momentos de crise humanitária as pessoas percebem a importância de contribuir e o Voluntariado ganha mais força, valor e visibilidade. Ao sair de sua zona de conforto e lidar com pessoas que têm problemas distintos dos seus, quebram-se paradigmas e preconceitos, a sociedade se oxigena e tem início o verdadeiro jogo do ganha-ganha social.

O exercício do voluntariado é inerente ao desejo humano de ajudar outras pessoas sem exigência de benefícios pessoais.

As Igrejas, de modo geral, foram fundamentais nesse processo de fomento à generosidade e à solidariedade, ao criarem instituições filantrópicas que, durante séculos, lideraram ações voluntárias em prol dos mais necessitados. No Brasil, damos como marco inicial do Voluntariado a fundação da primeira Santa Casa da Misericórdia, no ano de 1543, na Capitania de São Vicente, em São Paulo.

Em meados dos anos 1980, um novo Voluntariado originário dos Movimentos Sociais e ONGs - Organizações Não Governamentais surge no cenário nacional, culminando com o Programa de Voluntariado liderado pela Comunidade Solidária, organização do Terceiro Setor, presidida por Ruth Cardoso, que possibilitou a criação de Centros de Voluntariado (Centro de Voluntariado de São Paulo, Parceiros Voluntários, RioVoluntário, dentre outros) em busca da melhoria da qualidade dos processos de gestão e promoção do voluntariado. Em 1998, é promulgada a Lei do Serviço Voluntário, Lei 9.608, garantindo a não vinculação empregatícia dos voluntários com as instituições sociais onde prestavam serviço.

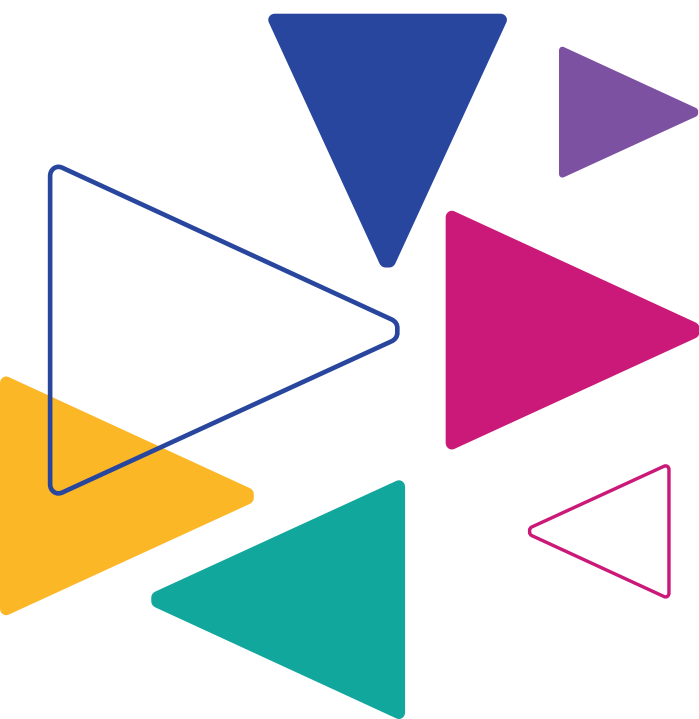
Em 2001, a Resolução da Assembleia Geral da ONU - Organização das Nações Unidas, assinada por 126 Estados-Membros, sendo, assim, declarado Ano Internacional do Voluntário, dando o impulso definitivo para que o Voluntariado emergisse forte e organizado em todo o mundo. O voluntariado é e sempre será unanimidade em tempos de polarização.

Com o surgimento de novas tecnologias e da internet, novas formas de participação cidadã foram oferecidas à população, ocasionando um aumento considerável do público masculino em ações voluntárias, que nos séculos anteriores haviam sido desempenhadas majoritariamente por mulheres.

Temos testemunhado também o empenho de Empresas em enfrentar o desafio que os novos conceitos de RSC - Responsabilidade Social Corporativa lhes impõem e demandam. O Voluntariado Empresarial nasce nesse ambiente comprometido com o diagnóstico e soluções para os graves problemas sociais brasileiros.

Regimes democráticos têm como premissa fortalecer a sociedade civil e motivá-la a participar das micro e macro decisões a serem tomadas no País. A igualdade de gênero, etnia, ao lado do respeito à liberdade de expressão, à opção sexual, política, entre outras, só prosperam por meio de uma participação ativa dos cidadãos, baseada na tolerância e na reciprocidade.

O momento presente, pós-pandemia da covid-19, vem sendo considerado como favorável à retomada de um Voluntariado comprometido e consciente, baseado nas iniciativas de sucesso das últimas décadas, que, certamente, permitirão à população brasileira colaborar mais efetivamente por meio de ações voluntárias, para a superação da pobreza e das desigualdades crescentes no Brasil, potencializando e integrando essa gigantesca força voluntária, num projeto de construção de uma nação mais justa e igualitária.





2011 e a Década do Voluntariado

OS VALORES HUMANOS DA DÉCADA DO VOLUNTARIADO

Por Maria Elena Pereira Johannpeter, empreendedora social, inovadora e reconhecida por diversas premiações nacionais e internacionais, fundadora da Parceiros Voluntários Rio Grande do Sul e uma das coordenadoras da Década do Voluntariado.

“Quando estamos conectados com os valores humanos e espirituais, começa uma verdadeira aventura: a satisfação de sermos nós mesmos e de podermos usar nossas aptidões para ajudar outras pessoas. São experiências gratificantes. É isso que nós, os voluntários, fazemos: disponibilizamos nossa energia e aptidões pessoais como um pequeno presente para o mundo e o que recebemos como retorno vai além das palavras.” Flávio Lopes Ribeiro, brasileiro, coordenador do Projeto do Voluntariado da ONU - Organização das Nações Unidas em El Salvador.

As celebrações pelo décimo aniversário do Ano Internacional dos Voluntários (AIV+10) culminaram, na Assembleia Geral das Nações Unidas, com o lançamento do primeiro exemplar do Relatório Mundial do Voluntário.

Asha-Rose Migiro, vice-secretária-geral da ONU, em nome do secretário-geral, Ban Ki-moon, reconheceu a dedicação dos voluntários e seus esforços para cumprir os objetivos da ONU. “Como a população mundial já ultrapassou os sete bilhões”, declarou, “precisamos estimular o potencial de todas as pessoas para que colaborem com as questões voluntárias”.

Enfatizando a contribuição do voluntariado para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e requerendo pessoas concentradas em uma abordagem holística, na Resolução A/RES/66/67, a Assembleia Geral da ONU estabeleceu o caminho para o futuro do voluntariado. A resolução ressalta a importância da participação de pessoas e de empresas para a obtenção do desenvolvimento sustentável.

A coordenadora executiva, Flávia Pansieri, declarou que o objetivo principal das celebrações de 2011 foi promover uma mudança: o voluntariado deixou de ser considerado um fator secundário e passou a ser reconhecido como caminho principal.

Na Assembleia Geral da ONU, foi lançado o primeiro documento sobre a situação do voluntariado global, o “Relatório sobre a Situação do Trabalho Voluntário – Universal Values for Global Well-being (Valores Universais para o Bem-estar Global)”. Helen Clark, adminis-

tradora do PNUD - Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas -, observou que há elos muito fortes entre o voluntariado, a paz e o desenvolvimento humano, os quais ainda não foram amplamente reconhecidos pelos governos.

Nessa década, é criada a Rede Brasil Voluntário. Os Centros de Voluntariado integrantes da Rede Brasil Voluntário (RBV) eram: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo. A Rede Brasil Voluntário e a Rede Paulista de Centros de Voluntariado se uniram em 2011 e organizaram, além da Pesquisa, a Conferência Internacional do Voluntariado, tendo como parceiro o PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o VNU - Programa de Voluntariado das Nações Unidas.

A Conferência ocorreu em paralelo à feira ONG Brasil 2011 e proporcionou um ambiente de diálogo e articulação intersetorial. Mais de 500 organizações de todos os estados brasileiros e redes de apoio ao voluntariado da Argentina, Colômbia, Peru, Panamá, Chile e Uruguai marcaram presença no evento das comemorações da Década do Voluntariado, em São Paulo.

Certamente, o maior legado foi a Pesquisa Voluntariado no Brasil 2001+10, organizada pela Rede Brasil Voluntário. Realizada pelo IBOPE Inteligência, a pesquisa mostrou que um em cada quatro brasileiros com mais de 16 anos já fez ou faz trabalho voluntário, ou seja, eram cerca de 35 milhões de pessoas em ação.

As entrevistas foram realizadas com 1.550 voluntários, nas regiões Nordeste, Norte/Centro-Oeste, Sudeste e Sul do País e apontaram que:

- 25% da população faz ou fez serviço voluntário
- A maioria (67%) dos que fazem serviço voluntário trabalha
- A dedicação ao serviço voluntário é de 4,6 horas/mês, em média
- 39% realizam o serviço voluntário com crianças e adolescentes
- 62% dos voluntários usam a internet e 53% participam de redes sociais

Atualmente, em 2022, o Voluntariado já está implantado na cultura brasileira, tanto no comportamento quanto nas leis. Além da Lei 9608/98, que reconhece o Serviço Voluntário, em 2014, a Lei 13.019 criou os instrumentos jurídicos: o Termo de Fomento, o Termo de Colaboração e o Acordo de Colaboração. O Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC) veio aperfeiçoar o ambiente jurídico e institucional das OSCs e suas relações e parcerias com o Estado.



O Voluntariado em 2021

2021: BRASILEIROS ENGAJADOS AO VOLUNTARIADO

Por Silvia Maria Louzã Naccache, empreendedora social, palestrante, conteudista e consultora na área de Voluntariado, Responsabilidade Social, Desenvolvimento Sustentável e Terceiro Setor.

Como é bom ser porta-voz de boas notícias em tempos tão difíceis e desafiadores!

A boa nova é que em 2021, 34% dos brasileiros, com mais de 16 anos, praticaram o voluntariado!

No perfil do voluntário, há equilíbrio na questão de gênero: 51% mulheres, 48% homens e outro 1%, trouxe outras respostas. Manter o texto da pesquisa. A idade média de maior destaque ficou nos 43 anos.

Voluntários têm o desejo de fazer o bem, gostam de poder impactar positivamente a vida das pessoas e, com isso, o voluntariado vem sendo percebido e reconhecido como uma experiência transformadora para quem recebe e para quem faz.

Impossível não registrar os aprendizados e os reflexos da pandemia no voluntariado, o apoio aos programas de assistência, a participação nos movimentos de mobilização, o atendimento a novos grupos populacionais, a doação de recursos, a adoção ou ampliação do voluntariado a distância ou online. Na pandemia, 47% dos voluntários passaram a fazer mais atividades, a participar e a contribuir ainda mais.

A solidariedade impulsionou 74% das pessoas para as ações de voluntariado. Foi essa a maior motivação: ajudar o outro. Se por um lado voluntários buscam fazer uma atividade com o propósito ou a causa com que tem forte identificação, o urgente, mobilizou as pessoas para a ação: fome, pobreza e desigualdades. Atender famílias, comunidade e pessoas em situação de rua tiveram destaque entre os públicos beneficiados pelas ações. (36% - o público geral; 35% - famílias e comunidades; 25% - pessoas em situação de rua).

Os voluntários encontram algumas dificuldades em suas atividades, tais como lidar com as pessoas que nem sempre estão verdadeiramente empenhadas em fazer o bem; lidar com as impotências e demandas que vão além do que conseguem realizar; a frustração com a constância, a fidelização das pessoas ao projeto e, ainda, o preconceito com algumas causas e públicos! A informalidade dos programas de voluntariado ainda é uma realidade:

apenas 45% dos voluntários têm conhecimento sobre a lei do serviço voluntário no Brasil e apenas 18% assinam o termo de adesão ao serviço voluntário. Isso aponta o vasto campo de trabalho para organizações que fomentam o voluntariado inclusive as online: 84% dos voluntários desconhecem as plataformas e sites de promoção ao voluntariado.

A satisfação com a própria atividade voluntária segue alta, mesmo com os desafios enfrentados: no tipo de atividade, no retorno recebido e no apoio para realizar a atividade. A nota teve uma média de 9,1, em uma escala de 0 a 10.

As menores notas foram por não receberem o apoio financeiro necessário para realizar a ação e ainda a falta de capacitações e formações.

A pesquisa apontou um conhecimento sobre o que é voluntariado. Segundo os voluntários, doação de recursos não é voluntariado, mas doadores e voluntários formam uma rede de apoio, se complementam, onde cada um contribui como pode e com o que pode: dinheiro, objetos ou tempo.

Todos podem ser voluntários! Mas quais são as habilidades necessárias para fazer trabalho voluntário? No voluntariado existe a possibilidade de trazer as habilidades para realizar a ação, mas também por meio das práticas, de desenvolver talentos. Existe um consenso entre os voluntários: engajamento, comprometimento e colaboração são essenciais!

O voluntariado empresarial também nos trouxe a boa notícia! O reconhecimento do seu poder de engajamento para as práticas voluntárias! 15% dos voluntários se mobilizaram pelos programas de voluntariado corporativo. O voluntariado aparece como parte das boas práticas do ESG/ASG e as empresas ocupando todos os espaços da comunidade.

Ações e omissões desenham o futuro da nossa sociedade! Apoiar uma causa, dedicar-se ao voluntariado é a maior prática de cidadania. O Brasil nunca foi tão desigual! A pesquisa voluntariado no Brasil 2021 mostra que brasileiros não paralisaram. Eles se organizaram e se estruturaram para seguir atuando! 21% passaram a usar ferramentas online para fazer atividades voluntárias durante a pandemia, com destaque para o apoio psicológico, a escuta.

O voluntário é agente de reconstrução do nosso País! Atua com intencionalidade, empatia, resiliência. Compartilha conhecimento, experiências e expertises. 96% dos voluntários concordam que a atividade voluntária os inspira a ser uma pessoa melhor e 89% concordam que a atividade voluntária é a melhor forma de auxiliar a sociedade.

Unidos e em colaboração vamos construir um País mais justo, igualitário e, por meio da solidariedade e do voluntariado deixar um legado para as gerações futuras.

BRASIL, PAÍS CADA VEZ MAIS VOLUNTÁRIO

Por Luisa Gerbase de Lima, Gerente de Comunicação no IDIS

A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 traz excelentes notícias. Em apenas duas décadas, o número de pessoas que já praticou alguma atividade voluntária em algum momento de sua vida mais que triplicou, passando de 18% para 56% da população.

O número de voluntários ativos também é notável – mais de um terço da população (34%). Em outras palavras, são 57 milhões de brasileiros e brasileiras que doaram, em 2021, seu tempo, talento e energia em prol de uma causa em que acreditam e fizeram a diferença na vida dos beneficiados pela ação. E por que fazem? A grande motivação foi a solidariedade, indicada por 74% dos voluntários.

Vibramos com os números, mas não podemos dizer que são surpreendentes – vão ao encontro de achados de outras pesquisas que mostram o fortalecimento da Cultura de Doação e do voluntariado. No *World Giving Index 2021*, estudo global da britânica *Charities Aid Foundation* (CAF), promovido pelo IDIS, o Brasil ficou em 54º lugar entre 114 nações. Este ranking de solidariedade contempla atitudes como doação de dinheiro, ajuda a estranhos e voluntariado e, em termos absolutos, subimos 14 posições em relação a 2018 e 20 posições em comparação à média dos 10 anos anteriores.

Outro levantamento, a Pesquisa Doação Brasil 2020, realizada pelo IDIS e com foco em doação individual de dinheiro a causas, mostra que, apesar da queda nos índices de doação, há uma tendência de amadurecimento da sociedade – mais de 80% dos entrevistados concordam que o ato de doar faz diferença e, entre os não doadores, essa concordância atinge 75%. O conceito de que a doação faz bem para o doador também cresceu significativamente entre 2015 e 2020, de 81% para 91% da população, atingindo uma maioria quase absoluta. Mais um aspecto positivo é que está perdendo força a ideia de que o doador não deve falar que faz doações. Em 2015, a afirmação contava com a concordância de 84% da população e, em 2020, o percentual caiu para 69%. Esse é um ponto especialmente importante, porque o falar sobre doações estimula sua prática, traz inspiração, esclarece temores e desperta o interesse em outras pessoas.

É neste contexto que o voluntariado se desenvolve no Brasil e nota-se que, apesar de a pandemia e o isolamento social terem abalado estruturas, exigindo rápidas readaptações, fomos capazes de enfrentar estes desafios - 47% dos voluntários passaram a se dedicar mais, e 21% começaram a fazer atividades voluntárias online como apoio psicológico e ações ligadas à educação.

Tais avanços não são, de forma alguma, espontâneos. São fruto de trabalho e investimento de inúmeras organizações e indivíduos. Estudos e pesquisas geraram dados e reflexões; a prática nos permitiu aprender com as experiências exitosas e, também, com os erros; o aprimoramento do ambiente regulatório trouxe bases mais sólidas e a tecnologia nos permitiu ultrapassar barreiras e contribuiu para conectarmos pessoas e saberes.

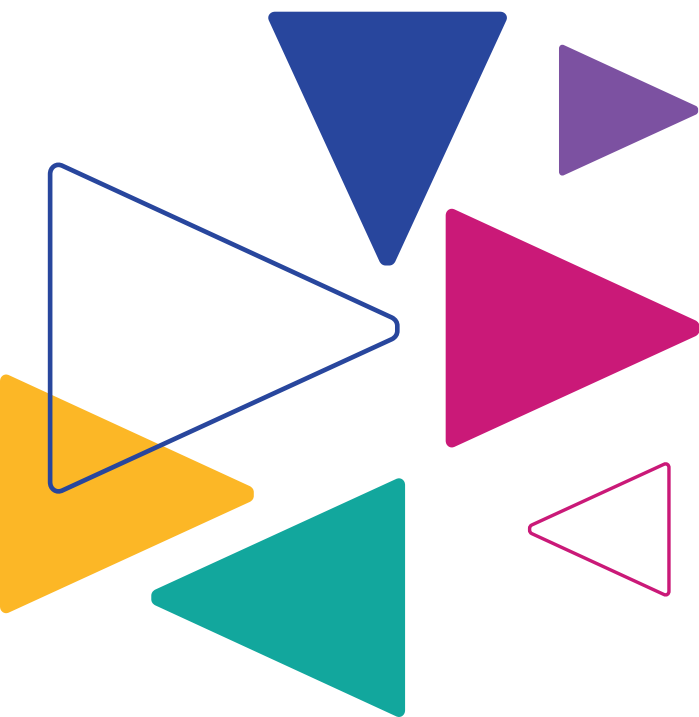
A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 traz um retrato de onde estamos, indica pontos de atenção e possíveis caminhos para seguirmos evoluindo. Manter o crescimento do número de voluntários é sempre desejável, mas o grande desafio é transformar essa tendência

em uma prática rotineira – temos 34% de brasileiros voluntários atualmente, mas apenas cerca de um terço deles faz isso regularmente, com frequência definida. A resposta para essa transformação está em um outro número – apenas 15% dos voluntários dizem participar de programas empresariais, indicativo de potencial enorme que pode ser explorado.

Quando unimos o investimento social corporativo com os anseios individuais, encontramos um campo fértil para ações solidárias de empresas junto ao seu público interno e aí moram os programas de voluntariado corporativo. Os resultados possíveis dessa união são muitos, indo além do impacto social gerado e da criação de uma rotina de atuação. Melhoria do clima organizacional, aumento do sentimento de pertencimento, oportunidade de desenvolvimento de competências, fortalecimento de laços entre colaboradores, aprofundamento do relacionamento com a comunidade da empresa, contribuição à estratégia de impacto e investimento social privado corporativo, atração de talentos e contribuição à reputação da marca junto a outros stakeholders são alguns dos benefícios de ações solidárias envolvendo os colaboradores. Tais programas integram também a agenda ESG (sigla para *Environmental, Social and Governance*, no português, Ambiental, Social e Governança), cada vez mais considerada nas tomadas de decisão de investidores. Ao promover programas de voluntariado corporativo, todos ganham.

A generosidade no mundo aumentou, em especial nas economias com pessoas em situação de maior vulnerabilidade. Este movimento de cuidar do próximo e realizar doações, seja de tempo ou de recursos, precisa continuar para enfrentarmos os efeitos perversos da pandemia e acelerar a melhoria do bem-estar de quem mais precisa. Estamos indo na direção certa e vamos avançar.

A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 foi elaborada e coordenada por Silvia Naccache, com apoio dos consultores Kelly Alves do Carmo e Felipe Pimenta de Souza. Sua viabilização teve o suporte de organizações que acreditam na importância do avanço do voluntariado no Brasil e participam dessa rede de apoiadores, Ambev, Bradesco, Fundação Itaú Social, Fundação Telefônica Vivo, Raízen, Sabesp, Sicoob e Suzano. IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social – e Instituto Datafolha assinam a realização.





O futuro do voluntariado no Brasil

POTENCIALIDADES E COMPLEXIBILIDADES DO VOLUNTARIADO

Por José Alfredo Nahas, superintendente da Organização Não Governamental Parceiros Voluntários, líder da equipe Executiva.

Estamos olhando do jeito certo para o voluntariado? Se você gosta de cinema, provavelmente já fez esse exercício: depois de assistir a um filme, chegou em casa, leu uma ou mais resenhas a respeito dele e, nessa pesquisa, descobriu que a obra era muito mais profunda e incrível do que pareceu na primeira vez.

Normal. Nem sempre o maior valor das coisas está na superfície visível. É preciso de tempo, de vivência e de experimentar diferentes perspectivas para enxergar todas as faces de um trabalho.

Essa dinâmica, aliás, não se limita à arte. E é justamente por isso que vou tomar o raciocínio emprestado para tratar de um tema completamente diferente, mas que também precisa de um segundo olhar para ser bem compreendido: o voluntariado.

Provavelmente, não há nenhum entre os 209 milhões de brasileiros que veja o trabalho voluntário de forma negativa. As pessoas reconhecem o valor que existe em alguém disponibilizar o seu tempo, conhecimento e emoção para o bem do outro sem pedir nada em troca.

No imaginário coletivo, contudo, o voluntariado surge muitas vezes como uma boa ação eventual e voltada a tarefas de baixa complexidade operacional. É o caso clássico de mutirões para pintar as paredes de uma escola, recolher o lixo após um evento ou fazer reparos técnicos em uma organização social.

Não há nada de errado com as ações desse tipo. O problema está em retratá-las de forma caricatural, simplista, e depois usar a caricatura como representação universal do trabalho voluntário.

É desse percurso que nasce a ideia perigosa de que o trabalho voluntário é uma ação nobre, mas de baixo impacto e sem valor estratégico. Essa visão não é só equivocada: é injusta, porque desvaloriza o esforço de milhares de organizações e de milhões de pessoas engajadas na causa.

Aqui, há duas distinções fundamentais a fazer:

Primeiro, separar o voluntariado de ocasião do voluntariado organizado. Esse último, à diferença do que pode sugerir o senso comum, é empreendido com metodologia, estratégia, comprometimento e visão de médio e longo prazo. Implica diálogo intenso com a comunidade e escolha criteriosa do que, quando e como fazer para gerar alto impacto. Segundo, identificar a potência dos programas de trabalho voluntário não apenas como atividade fim, mas como atividade meio. Essa é a parte menos óbvia e que exige mais atenção e reflexão.

Quando uma empresa, por exemplo, mobiliza um mutirão de voluntários para pintar as paredes de uma escola, é mais fácil enxergar o impacto da ação como uma atividade fim. Na primeira batida de olho, já se percebe a nobreza da atitude das pessoas que colaboraram e os benefícios pontuais de ter uma escola de cara nova e mais convidativa.

Assim como no Cinema, contudo, o valor das coisas não se esgota na superfície visível. Por trás daquela tarde de trabalho, provavelmente há uma empresa ou organização da sociedade civil que desenvolveu uma iniciativa muito mais ampla - com a criação de um comitê de voluntariado, entrevistas com colaboradores, capacitação, processos de escuta com a comunidade, formação de parcerias e muito mais.

Ao longo deste trabalho continuado e organizado, mas distante dos holofotes, é seguro dizer que o empreendimento gerou um enorme valor para a sociedade e para todos os envolvidos, ainda que de outra natureza.

O voluntariado, quando entendido como meio, é uma estratégia poderosa para criar e disseminar conhecimento, articular redes de cooperação, estabelecer relações de qualidade entre diferentes atores, engajar os mais variados públicos e despertar o espírito cidadão e o empreendedorismo social nas pessoas.

Em resumo, é uma alavanca eficiente particularmente para empresas que querem melhorar relacionamento com comunidades e com seus colaboradores, além de ajudar a desenvolver territórios. E, também, uma forma comprovada de fortalecer a teia social do País.

Nada disso, diga-se, é trivial. Afinal, uma empresa é incapaz de prosperar no longo prazo se não cultivar boas relações dentro e fora das suas dependências; e, para enfrentar seus principais desafios, um país precisa de um tecido social forte e coeso, em que o governo, empresas, OSCs, escolas e indivíduos somem forças para aplacar as vulnerabilidades da população. Apenas juntos podemos endereçar certas conquistas como nação.

Reconhecer a complexidade do voluntariado e investir nas suas potencialidades, portanto, é muito mais do que um aprendizado. É muito mais do que um segundo olhar para ampliar a compreensão. É um ato de cidadania, em que todos ganham e ninguém perde.

UM LABORATÓRIO DE LÍDERES SUSTENTÁVEIS

Por Ricardo Voltolini, fundador e presidente da Ideia Sustentável – Estratégia e Inteligência em Sustentabilidade, com atuação em consultoria, educação e gestão de conhecimento em sustentabilidade, ética, diversidade, governança corporativa, responsabilidade social e investimento social privado.

No final dos anos 1990, quando surgiram os primeiros programas estruturados de voluntariado empresarial no Brasil, houve quem sentenciasse que teriam vida tão breve quanto o movimento de responsabilidade social no qual encontravam abrigo. Entre outras críticas, os céticos da época achavam que não cabia às empresas se ‘apropriarem’ de um ato de vontade dos seus colaboradores (praticado, na maioria das vezes, em horário livre) para turbinar uma imagem de compromisso social. O tempo mostrou que estavam errados. Em duas décadas, o voluntariado nunca deixou de ter espaço na agenda corporativa - isso porque, quando bem conduzido, produz evidentes ganhos para empresas, colaboradores e comunidades.

Os benefícios para as comunidades são largamente conhecidos. O tempo, o dinheiro e o conhecimento de milhares de homens e mulheres, organizados ou não em movimentos de voluntariado empresarial, têm sido força motriz na melhoria da vida de crianças, pessoas com deficiência, adultos analfabetos, populações de baixa renda sem acesso à saúde, educação, trabalho, alimentação e saneamento básico. Constituem reserva de capital humano, intelectual e social de valor inestimável num país marcado por abismos sociais e econômicos. Formam uma rede de apoio - informal, mas eficaz - muitas vezes à margem das políticas públicas.

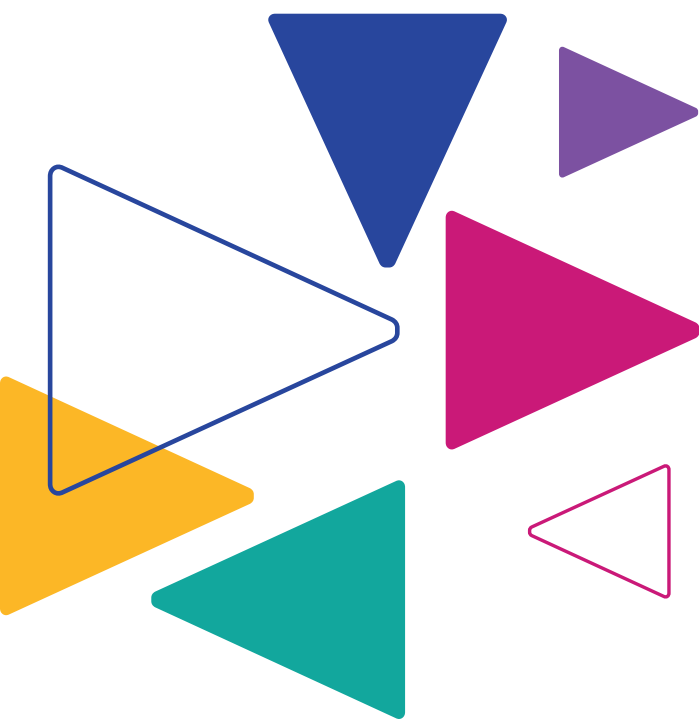
Já os benefícios para os colaboradores tendem a ser menos tangíveis. Variam de pessoa para pessoa. E obedecem à mesma subjetividade que determina suas escolhas e motivações. Orientados por princípios religiosos, de cidadania ou mesmo de autogratificação, os indivíduos que se dedicam à atividade voluntária relatam, em comum, um tipo de retorno emocional que não pode ser mensurado por métricas convencionais de impacto. Ajudar o próximo, no entendimento da maioria dos voluntários, é um modo de conferir sentido à vida, alimentar a alma e buscar um estado de felicidade que só se completa quando se consegue diminuir a dor do outro ou fazê-lo feliz.

Sobre as benesses para as empresas existe um razoável consenso. Amparada em princípios de solidariedade, altruísmo e cidadania, a ação voluntária equivale a um desejável pulsar de humanidade em organizações que, com o tempo, tornaram-se impessoais e distantes da realidade de suas comunidades. Exercitando-a, as empresas se descobriram mais empáticas. E entenderam, por tabela, que a empatia, além de valor em ascensão no mundo pós-pandemia, ajuda a construir (e a fortalecer) vínculos de confiança imprescindíveis para atrair os melhores talentos e ganhar a admiração de clientes em tempos de employer branding e ESG. Empresas são feitas de seres humanos que se mostram mais felizes, integrados e incluídos quando trabalham em organizações humanizadas nas quais se cultua o legítimo interesse pelo bem-estar do outro. Com a crescente mudança nas expectativas das sociedades em relação ao papel das empresas, as pessoas estão mais inclinadas a preferirem se relacionar com corporações íntegras, que pensam e agem como um cidadão decente. Nos dois casos, o voluntariado oferece substrato.

Estou convicto de que, nesse contexto de ascensão do ESG, o voluntariado corporativo - criterioso, bem gerido e integrado à cultura organizacional - pode ser mais do que as em-

presas enxergam nele. Vejo-o como uma espécie de laboratório de liderança sustentável num tempo em que líderes sustentáveis são, segundo o Fórum Econômico Mundial, fundamentais para conduzir a transição do *business as usual* para um modelo de empresa mais ética, transparente e respeitosa em relação às pessoas e ao meio ambiente. A ação voluntária representa um set contemporâneo para o exercício de competências atitudinais esperadas no século 21, como cuidar de pessoas, promover a diversidade e inclusão, agir com ética (fazer o que é certo do jeito certo) e pensar de forma sistêmica e interdependente.

Como já escreveu Peter Senge, os melhores líderes de sustentabilidade estão nas ‘bordas’ e não no centro das organizações. Eles só precisam de um ambiente propício para florescerem.





Voluntariado e as situações emergenciais e humanitárias

O PAPEL DO VOLUNTÁRIO NAS SITUAÇÕES EMERGENCIAIS

Por Leonard de Castro Farah, Capitão BM, cofundador da HUMUS BR, especialista em Redução de Risco e Desastres pela ONU e UNESCO.

Não se trata de você! Atualmente, estamos vivenciando um processo intenso de desastres relacionados a eventos naturais extremos no Brasil. Fortes chuvas, grandes deslizamentos, rupturas de barragens, muitas vezes associadas a pequenos sismos, grandes incêndios florestais. Todos esses eventos estão cada vez mais frequentes e preocupam muito a todos da sociedade, já que eles, assim como um vírus, não escolhem quem vão atingir.

Recentemente, vimos em Petrópolis uma cidade inteira ser devastada por um dia de chuva forte. E não foi só o morador em situação de risco que foi atingido: foi toda uma sociedade.

O grande problema começa após a eclosão. O caos se instala! É inerente ao ser humano querer ajudar, a vontade de fazer algo, de partir para a ação, que parece, num primeiro momento, ser o melhor a ser feito, tem consequências desastrosas. O Sr. João sai da sua casa em seu carro e, sem saber das necessidades, recolhe roupas usadas, alguns quilos de alimento não perecíveis, produtos de higiene e vai para a cidade.

Chegando na cidade devastada, após percorrer vários quilômetros, tem que abastecer. Vai para um hotel e tenta encontrar um restaurante para comer algo. Quase todos fechados, pois os que não foram atingidos diretamente pelo evento não abriram, já que seus funcionários morreram, estão desaparecidos ou não foram trabalhar, pois perderam parentes e amigos e estão tentando entender todos os danos causados na cidade. Com fome, ele vai ao supermercado da cidade: poucos estão abertos e ele tenta comprar algo para comer, mas as filas longas das pessoas desesperadas já se formam. Ele fica horas ali para comprar um simples lanche e sai rodando a cidade sem saber onde entregar as doações.

Não acha nenhum posto de recolhimento e acaba se dirigindo a um quartel de bombeiro ou a um posto policial. Lá, não tem praticamente ninguém, somente uma pessoa para tentar orientar aqueles que chegam. Sem ter estrutura para receber os materiais, ele pede que aquele voluntário deixe as doações ‘Naquele canto ali mesmo’.

Está formado o ciclo do caos. Iguais ao Sr. João existem milhares que fazem a mesma coisa, lotando os hotéis, acabando com o combustível da cidade e comprometendo a logística, já

que carretas não chegam por conta dos deslizamentos. As pessoas que perderam as casas não têm para onde ir, devido aos hotéis lotados de turistas do caos. Falta abastecimento de água na cidade, o lixo não é recolhido, doenças começam a se proliferar.

As pessoas precisam compreender que não se trata do que você quer fazer, mas, sim, do que a cidade precisa. Muitas vezes, a logística para se encher um carro com água e levar até uma cidade a 500 km de distância é muito mais prejudicial do que se você doasse o valor do combustível para uma instituição que você confia.

As ações de doações podem, sim, atrapalhar. Imagine toneladas de roupas espalhadas sem organização alguma, sujas e ficando num canto qualquer. Não adianta recolher os alimentos em um local se você não tem como fazer o escoamento para onde precisa.

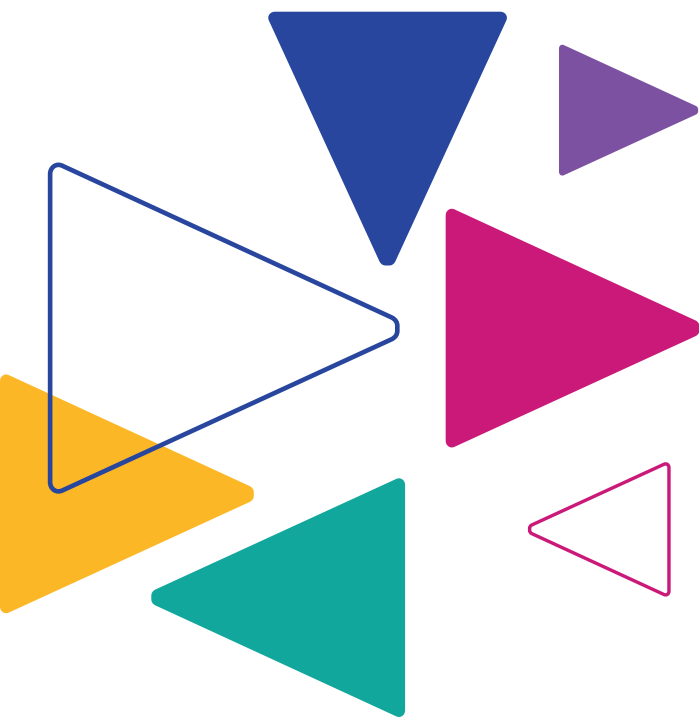
O voluntário precisa entender qual é o seu papel no ciclo do desastre e onde está a lacuna que ele pode preencher. O caos se dá pelo fato de que a oferta de produtos é menor do que a demanda ou porque os produtos não chegam e os sistemas de fornecimento de insumos básicos são interrompidos ou porque há um crescimento vertiginoso das pessoas no local. Isso, por exemplo, é o que acontece com a questão dos refugiados.

Portanto, ajudar em um desastre requer qualificação, treinamento e, acima de tudo, um entendimento do que deve ser feito em todas as etapas de resposta, reconstrução, preparação e capacitação.

Por mais que tenhamos receio de doar quantias em dinheiro, temos que refletir que instituições sérias irão utilizar esses recursos da melhor maneira para socorrer quem precisa.

O voluntariado no Brasil para situações de desastres ainda é muito incipiente e se resume à doação de cestas básicas, geladeiras, fogões e outros materiais. As pessoas precisam entender que os eventos naturais continuarão a acontecer e irão, cada vez mais, prejudicar as comunidades vulneráveis. Diminuir a exposição e vulnerabilidade é fundamental.

Ser voluntário é doar de coração para que a sua ajuda possa fazer a diferença na vida de quem precisa. É colocar em mente que não se trata do que você quer, e sim do que o outro precisa.



O VOLUNTARIADO NAS RESPOSTAS ÀS CRISES DE EMERGÊNCIA

Por Monica Exelrud Villarindo, especialista em gestão de voluntários e voluntariado em desastres. Foi diretora do Programa de Voluntários da Cruz Vermelha Americana e coordenadora do Programa de Voluntariado da ONU - Organização das Nações Unidas no Brasil.

Os voluntários são indivíduos que desejam participar e colaborar com o bem-estar da sua comunidade local e global. Atualmente, não existem fronteiras para o voluntariado. Os voluntários são pessoas que têm empatia e sentem o dever de ajudar aqueles que estão em situação de risco, desigualdade, emergência ou simplesmente desejam ser úteis à sociedade. Os voluntários de desastres, sejam os que respondem a emergências naturais ou causadas pela humanidade, são pessoas que estão prontas, em um piscar de olhos, a enfrentar situações de risco e a dar o seu máximo para salvar ou aliviar o sofrimento de outras vidas. Os voluntários são a espinha dorsal das respostas emergenciais e tem a capacidade de mobilizar grandes números de pessoas rapidamente.

O voluntariado brasileiro vem crescendo a cada ano e demonstrando sua capacidade de se mobilizar rapidamente mediante às inúmeras emergências que ocorreram nos últimos anos. Os voluntários são a chave para trazer alívio e conforto para as vítimas de desastres e emergências humanitárias. Eles se mobilizam para ajudar a resgatar vítimas, alimentar as vítimas e os socorristas, coletar e trazer doações, dar assistência médica e psicológica, etc. São inúmeras as áreas de colaboração dos voluntários e, muitas vezes, eles até abrem suas casas para abrigar as vítimas.

O voluntariado tem sido essencial nas respostas das crises de emergência no Brasil, mas ainda existe uma grande desorganização nesse modelo de assistência. A maioria das pessoas sente a necessidade de ajudar, quer ajudar, mas não sabe como e aonde ir para colaborar de uma forma estruturada: simplesmente se jogam para fazer o que acham ser o necessário e muitas vezes isso traz duplicidade de trabalho, tumulto e pode atrapalhar o trabalho dos socorristas.

Não existe metodologia e rede estruturada de voluntariado para responder a emergências e desastres humanitários, e não existe uma coordenação por parte dos governos locais. As emergências e desastres, mesmo de forma organizada, são um caos e difíceis de responder; o sofrimento se torna ainda maior quando esta assistência é desordenada.

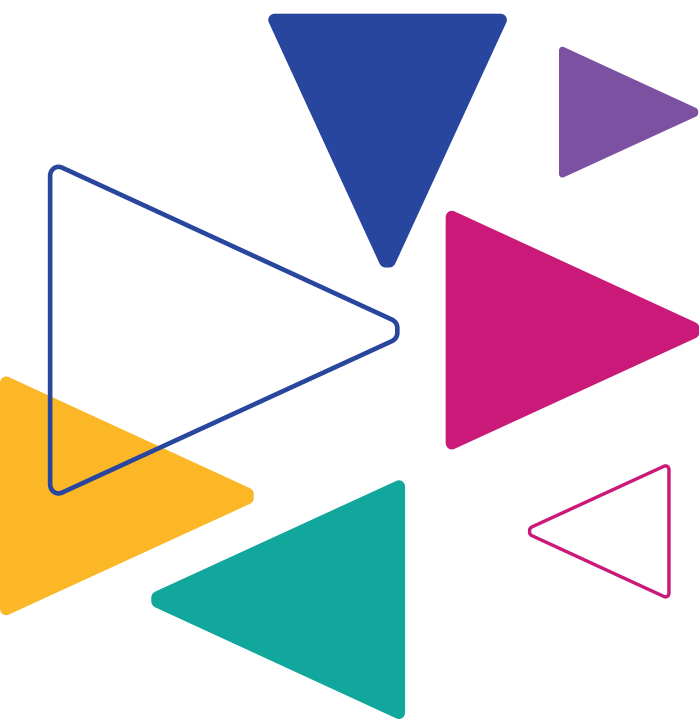
Na última década, houve certo avanço do voluntariado para situação de emergência no Brasil, pois a cultura do voluntariado se expandiu na sociedade brasileira e várias organizações da sociedade civil estão mais aptas a agir rapidamente e tem sido essencial para a assistência imediata das vítimas. Já há uma sensação de que as consequências da crise climática e do aquecimento global estão no nosso dia a dia e as pessoas estão mais alertas a ajudar em casos de emergência, mas isso não quer dizer que estejam mais preparadas. Pode-se e deve-se preparar as comunidades para estarem organizadas a responderem prontamente e adequadamente a desastres.

As doações também são essenciais nas emergências e, muitas pessoas, encontram nas doações a melhor forma de ajudar, mas isso também demanda coordenação, espaço correto de armazenamento, triagem, local e organização da distribuição e, inclusive, o diagnóstico correto das demandas e necessidades. Doações descoordenadas também podem causar mais caos. Foi o que aconteceu nas enchentes de 2022, na cidade de Petrópolis,

no Rio de Janeiro. Muitas roupas doadas foram deixadas em um local inadequado, tornaram-se um risco à saúde pública e foram queimadas por ordem judicial. Acabou sendo um desperdício de logística e de trabalho voluntário.

Em emergências, as doações são extremamente necessárias e, assim como o voluntariado, é necessário ter planejamento para o recebimento desta ajuda, para que assim não seja desperdiçada. Muitas vezes o próprio voluntariado pode organizar as doações financeiras, elas são eficientes, pois ajudam a comprar o que realmente é necessário para as vítimas, evitam grandes despesas de logística e, principalmente, ajudam a economia local a se restabelecer após o desastre.

Os voluntários são vitais para as respostas a emergências de qualquer natureza. Precisamos estar conscientes do valor imensurável dessa ajuda e priorizar a organização, a orientação, a valorização e o apoio a estes fantásticos colaboradores.





Voluntariado e os grandes eventos da década

O VOLUNTARIADO NOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS EM 2016

Por Any Bittar, consultora na área de sustentabilidade e sistema agroflorestal. Foi gerente de parcerias de voluntários do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Quando falamos de voluntários, sempre procuramos uma definição, uma forma de sintetizar essa atividade tão multifacetada. Tem uma frase que usei inúmeras vezes em apresentações pelo Brasil do Programa de Voluntários Rio 2016 que acredito evidenciar o espírito do voluntário: “Ser voluntário é deixar de acompanhar para participar, é deixar de ver para viver, é deixar de assistir para construir” - Rafael Alves de Lima (voluntário Rio 2016).

Considerando o tema voluntariado em grandes eventos, encontramos algumas características diferentes de outros programas, pois logo de início é apresentada a jornada do voluntário, uma série de procedimentos para as diversas etapas a serem realizadas até o evento. Costumo fazer um paralelo com a jornada do herói, onde o protagonista precisa sair de sua zona de conforto e superar vários desafios até alcançar o seu objetivo final.

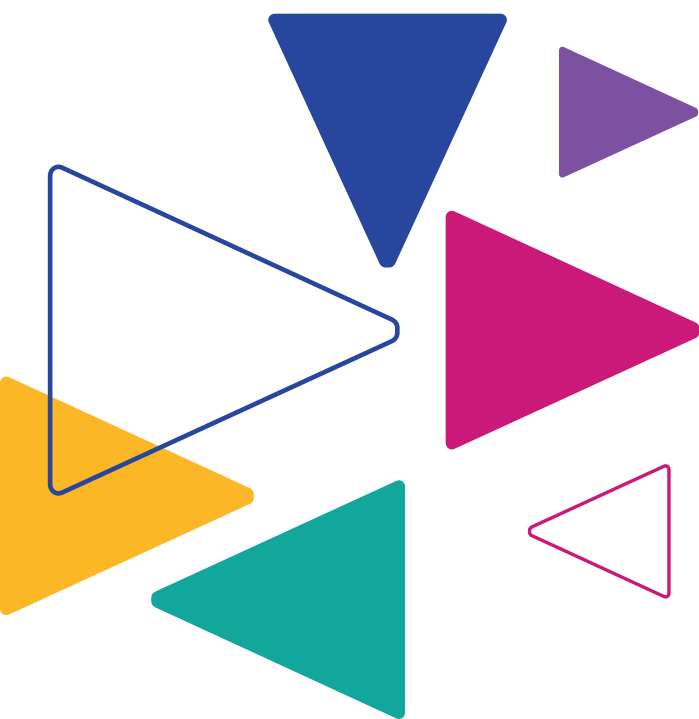
Dada a complexidade dos grandes eventos, etapas como: divulgação, inscrição, seleção, engajamento e retenção dos voluntários se tornam atividades desafiadoras. Nelas, a interação das informações do banco de dados para melhor adequação de perfil dos voluntários e das atividades propostas é um trabalho árduo e complexo, com necessário suporte de tecnologia e comunicação, que, ao final, se mostra extremamente recompensador.

Lidar com essa experiência na dimensão dos últimos grandes eventos que aconteceram no País, como os esportivos: Pan 2007, Copa 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016 deixaram um legado de transformação no movimento de voluntariado no Brasil, pois com o número expressivo de participantes, e estamos lidando na casa dos milhares, estes se tornaram multiplicadores do conceito da jornada do voluntário, quer seja na organização em diversas instituições ou pela atuação individual.

É muito comum encontrar pessoas em atividades distintas de voluntariado com itens dos grandes eventos, como pins, bonés, casacos, mochilas, etc., comentando com entusiasmo e saudosismo a sua experiência, sensibilizando outros participantes. É uma situação contagiante de alegria e expectativa para todos, na qual não só a atividade realizada é descrita, como também as fases de engajamento. Foram inúmeras vezes que vivi esse contentamento!

O que sinto falta no Brasil é do apoio institucional para a criação de organizações que mantenham esse círculo virtuoso vivo. A partir das experiências e dos vultosos bancos de dados criados, poder-se-ia customizar as informações e interagir no desenvolvimento da jornada do voluntário de acordo com o porte, localização e perfil dos eventos.

Outro ponto que gostaria de salientar desses grandes eventos foi a participação de pessoas com deficiência no voluntariado. Se no início foi um desafio, tanto na comunicação quanto na alocação da atividade, paulatinamente as imagens dos voluntários em atuação foram mostrando o sucesso da iniciativa e inspirando novas participações. Nos Jogos Rio 2016, tivemos o primeiro Programa de Voluntários Pessoas com Deficiência Intelectual com atuação no Parque Olímpico, que contou com uma jornada exclusiva estruturada em parceria com instituições e empresas e ainda um programa de Voluntariado Empresarial, estruturado e muito bem-organizado, mostrando que é possível, por meio do voluntariado promover a inclusão e o respeito à diversidade.



O PROGRAMA BRASIL VOLUNTÁRIO DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES E DA COPA DO MUNDO (2013-2014)

Por Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa, doutora em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS/UnB, coordenou a etapa de capacitação do Programa Brasil Voluntário do Ministério de Esportes na Copa do Mundo 2014.

Ser voluntário é um ato de mão dupla, pois você doa e recebe na mesma proporção. A pessoa doa o próprio tempo, o conhecimento que tem, a experiência em determinado assunto. E, ao ser voluntário, há ganhos na oportunidade de interagir com outras pessoas, de receber outros conhecimentos e de ter como retorno a vivência de uma nova experiência. Mais do que tudo, ao ser voluntário, cada um tem a satisfação de simplesmente fazer o bem.

Em 2013 e 2014, o Brasil recebeu dois grandes eventos mundiais de futebol, que foram a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Para fazer frente ao grande número de visitantes que o País estimava receber, o governo federal da época organizou ações de voluntariado público para atuar em áreas externas aos estádios de futebol e com ações mais diversificadas, do que se estabeleceu ser o programa de voluntários da FIFA no Brasil. Estando à frente do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, naquele momento recebemos a proposta de ser parceiros do Ministério do Esporte no desafio de organizar a capacitação do programa Brasil Voluntário.

Apresentamos ao Ministério do Esporte, em conjunto com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão para a capacitação dos voluntários. As metodologias desenvolvidas, tanto para a ensino a distância (EAD) quanto para a capacitação presencial, foram inovadoras e inéditas à época. Os projetos propiciaram várias inovações em termos de capacitações em grande escala: ensino a distância, capacitações presenciais simultâneas, logística de organização das atuações, desenvolvimento de material didático sobre o tema, metodologia inovadora e a certificação digital inédita, nos moldes estabelecidos pelo Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI), que foi disponibilizada pela Universidade de Brasília.

O desafio que tivemos ao coordenar a capacitação, primeiro nas seis cidades-sede (Salvador, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Fortaleza) da Copa das Confederações e depois nas 12 cidades-sede (Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) da Copa do Mundo, foi de uma complexidade ímpar. A experiência adquirida com estes dois eventos nos habilitou a encarar outros desafios posteriores de forma muito mais serena.

Tivemos grandes aprendizados e contamos com parcerias inestimáveis das universidades públicas, estaduais e federais de cada uma das cidades-sede. Foram sete universidades parceiras na Copa das Confederações e 17 na Copa do Mundo. Grupos de voluntários ligados a movimentos religiosos somaram-se a nós, sendo também parceiros fundamentais para o sucesso dos eventos.

Inestimável, e super acertada também, foi a parceria que fizemos com o Corpo de Bombeiros de cada cidade sede. Capitaneados pelos oficiais do Corpo de Bombeiros de Brasília, a atuação na capacitação em primeiros socorros e segurança realizada presencialmente em cada cidade - e que contou com a atuação direta dos oficiais das corporações

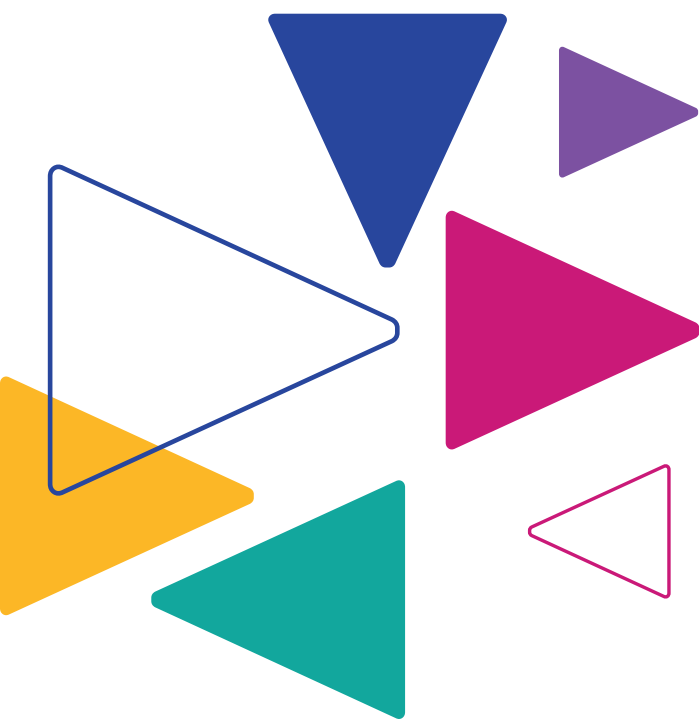
loais - foi um sucesso total. As capacitações de Ensino a Distância, realizadas no portal Brasil Voluntário em plataforma *moodle* especialmente, customizada para os eventos e depois as capacitações presenciais, permitiram aos cidadãos uma formação não só para atuar nas Copas, mas para a vida. Nas palavras de vários voluntários, registradas em vídeos ao longo das capacitações, toda a experiência adquirida naquele momento já vislumbrava que poderia ser utilizada para outros momentos da vida deles.

A idade mínima para participar nos eventos da Copa foi de 18 anos. Tivemos cidadãos das mais diferentes idades, engajados nos eventos. Famílias inteiras se disponibilizando para atuar, pais e filhos fazendo a capacitação em conjunto, foram momentos realmente indescritíveis.

Creio que como um dos legados temos o sentimento de um momento de cidadania plena. Quem foi capacitado para ser voluntário e atuou nas Copas vivenciou uma grande satisfação de poder fazer o bem, de ajudar turistas, de conhecer pessoas diversas nos eventos, de poder mostrar para o mundo que o brasileiro é acolhedor, cordial, honesto, profissional e que ama o País.

Percebo que houve uma grande e positiva exposição da Lei do Serviço Voluntário. Cito a lei 9.608 de 1998, vigente à época e desconhecida de muitos até aquele momento, que abriu caminho para outras atuações posteriores e para o aprimoramento da legislação sobre o tema.

Apesar de várias tentativas de estigmatizar o voluntário à época, por conta de questões políticas daquele momento, tentando associar o voluntário a um 'otário', o que vimos foram milhares de cidadãos conscientes do seu papel e com autoestima muito elevada, rechaçando qualquer pecha que pudesse menosprezar a importância do papel que estavam desempenhando.



VOLUNTARIADO E OS GRANDES EVENTOS DA DÉCADA

Por Felipe Pimenta de Souza, relações-públicas, pós-graduado em comércio internacional, mestre em Desenvolvimento Sustentável Territorial, especialista em responsabilidade social corporativa, voluntariado e megaeventos internacionais.

No decorrer da evolução da humanidade, os eventos se caracterizavam como ferramenta de integração social e de lazer, de comunicação, para fins religiosos e militares etc. A origem dos eventos remonta ao período paleolítico, porém são os Jogos Olímpicos da antiguidade que detêm um papel importante por mobilizar, para a época, grande número de participantes e espectadores, sendo realizados por 293 edições, até serem proibidos em 393 d.C. pelo imperador romano Teodósio.

Na atualidade, os grandes eventos ganham força a partir da realização das Exposições Universais, que tiveram seu início em 1851, em Londres (Inglaterra), e pela retomada dos Jogos Olímpicos, em 1896, em Atenas (Grécia). Diferentemente do passado, os grandes eventos apresentam duas características: profissionalização, além da possibilidade de atuação voluntária.

No início do século XX, os serviços auxiliares de alguns grandes eventos foram assumidos por militares e instituições parceiras, como os escoteiros. Neste estágio, o apoio institucional destacava-se comparado à ‘participação voluntária individual’ (Pena et al., 2014). Neste contexto, acontece o primeiro grande evento esportivo no Brasil: os Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922, envolvendo oito países, seis modalidades esportivas e contando com a participação de 186.000 espectadores. Fazendo parte da Feira Internacional que comemorou o centenário da Independência do Brasil, o evento contou com voluntários da Associação Cristã de Moços (ACM). Já em 1950, é realizada a Copa do Mundo de Futebol no Brasil e, em 1963, acontecem os IV Jogos Pan-americanos, em São Paulo - ambos sem relatos oficiais de voluntários.

A partir da década de 1970 e 1980, os eventos esportivos, principalmente os Jogos Olímpicos, mudam de status, tornando-se ‘megaeventos’ por uma série de razões: os avanços nas telecomunicações permite o alcance para uma audiência global e o patrocínio de grandes empresas impulsiona a profissionalização de muitas competições, além da inserção de novas modalidades. À medida que os eventos se tornam maiores, mais complexos e mais caros para serem realizados, a atividade voluntária se mostra uma possibilidade promissora para organizadores e cidades-sedes, principalmente, pelo aspecto econômico (Chappelet, 2016).

No Brasil, entre os anos de 2011 e 2021, aconteceu a chamada ‘década de ouro’ dos megaeventos, em que o país recebeu manifestações que dificilmente irão se repetir, sintetizada na frase ‘once-in-a-lifetime experience’. A visibilidade gerada pelos XV Jogos Pan e Parapan-americanos, de 2007, organizados no Rio de Janeiro, é um fator-chave para a decisão de escolha dos megaeventos. Para padrões internacionais, a cidade - e de certa forma o país - correspondiam aos principais critérios impostos pelas entidades internacionais responsáveis pela escolha.

De um ponto de vista conceitual, para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), megaeventos apresentam “duração limitada, que tenham alcance global em termos de público, audiência e cobertura de mídia, além de exigirem

significativo investimento público e que tenham impacto na população das cidades-sedes”. Os eventos da ‘década de ouro’ que se encaixam nesta definição da OCDE são prioritariamente a Conferência Rio+20, a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Porém, outros grandes eventos também se destacam, como os Jogos Militares Mundiais de 2011, a Copa das Confederações 2013, a Jornada Mundial da Juventude 2013 e a Copa América 2019.

Em 2012, a Conferência Rio+20, da Organização das Nações Unidas - ONU, realizada em comemoração aos 20 anos da Conferência Rio 92, colocou a cidade do Rio de Janeiro em uma espécie de megaevento-teste, já que entrou nos holofotes da mídia internacional. Em relação ao Programa de Voluntariado, 1.191 pessoas foram selecionadas, principalmente jovens provenientes de escolas públicas fluminenses e do ensino médio, alunos de educação técnica, universitários de todo o país e pessoas com deficiências (apenas 4% do total).

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2013, evento trienal da Igreja Católica reunindo jovens com o pontífice, causou frenesi pela organização, engajamento e mobilização jamais acontecidos no Brasil, durante a primeira viagem internacional do Papa Francisco. Para participar do evento, inscreveram-se 80 mil diocesanos, como são conhecidos os voluntários atuantes na Jornada. Destes, 60 mil foram selecionados, sendo 7.500 estrangeiros.

Em função da realização do Pan 2007 e dos Jogos Militares, que mobilizaram cerca de 20.000 e 2.267 voluntários respectivamente, surgiram estudos sobre o perfil e análise da atuação dos voluntários em grandes eventos, como o trabalho de Nolasco (2008) e de Nakane (2011). À época, tais estudos serviriam para contribuir com melhorias para os futuros eventos, já que questões operacionais e de gestão se mostraram insatisfatórias, sem contar a importância de preservar a memória da atuação voluntária nestas edições.

Tendo como objetivo compreender as grandes transformações de programas de voluntariado no decorrer da última década, a Pesquisa sobre Voluntariado no Brasil 2021, realizada com 1.546 voluntários pelo Instituto Datafolha, em oito capitais brasileiras, corrobora com dados sobre a percepção do engajamento dos voluntários nos grandes eventos realizados no país.

Quando questionados se os grandes eventos contribuíram para aumentar o engajamento dos brasileiros no trabalho voluntário, 48% dos entrevistados indicaram que os eventos não contribuíram e para 36% contribuíram um pouco. Apenas 13% dos entrevistados indicaram que os eventos contribuíram muito para o engajamento. 3% não souberam opinar. Utilizou-se a mesma pergunta para questionar como as situações emergenciais humanitárias - como os desastres causados nas cidades de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), no estado de Minas Gerais - influenciaram no aumento do engajamento. Para 49% dos entrevistados, as situações emergenciais influenciaram muito para aumentar o engajamento no trabalho voluntário. Para 34% influenciaram um pouco, ao passo que 15% acreditam que não influenciaram e 2% não souberam responder.

Se por um lado 99% dos voluntários concordam que “o trabalho voluntário leva as pessoas a conhecerem outra realidade”, contraditoriamente o caso dos megaeventos não se mostra como fator de engajamento para atuação voluntária, mesmo que diversos inves-

timentos públicos tenham sido realizados, inclusive em capacitação de voluntários, além da mobilização de milhares de pessoas: 6.156 voluntários na Copa e 50 mil nos Jogos Rio 2016, segundo dados oficiais.

Em 2022, após 100 anos do primeiro grande evento esportivo realizado no País, em uma perspectiva positiva, novos dados sobre o voluntariado e megaeventos surgem. Novos estudos focados na temática dos grandes eventos da ‘década de ouro’ merecem emergir, buscando, assim, compreender os seus legados.

Referência:

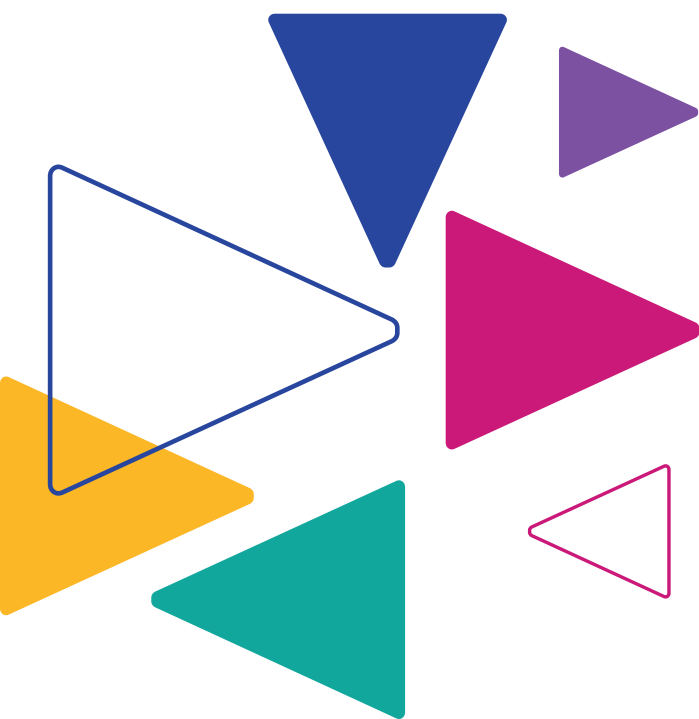
Tradução livre do autor de: OCDE, 2021. Implementing the OECD recommendation on Global Events and Local Development.

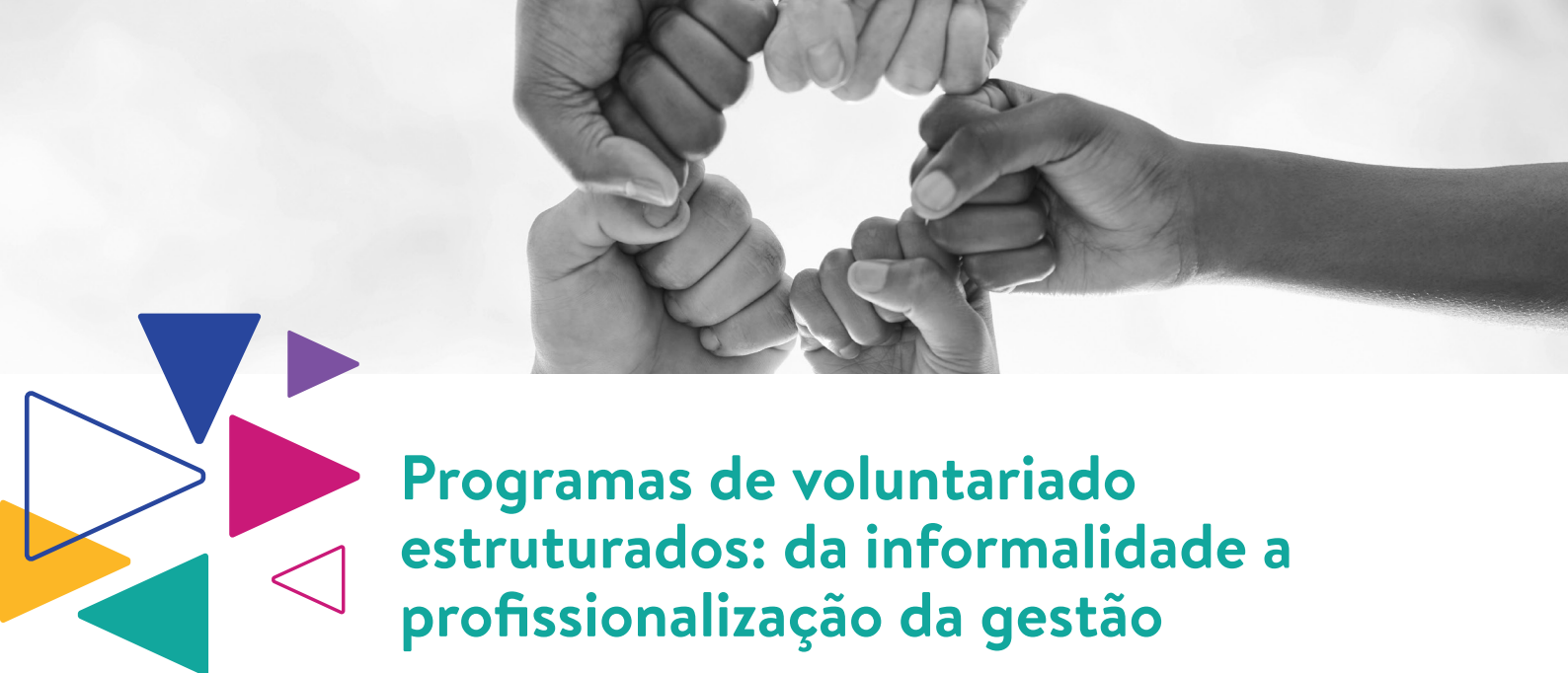
CHAPPELET, J-L. (2016). Jeux Olympiques. Raviver la flamme. Opinion: Lausanne.

NAKANE, A. et al. (2011). Voluntariado: A Essência da Hospitalidade como Fator Crucial para Elevada Performance dos Megaeventos Esportivos no Brasil.

NOLASCO, V. et al. (2008). Pesquisa comparativa entre voluntários dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004. In: DaCOSTA, L. (Org.). Legados de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

PENA, Bianca B. et al. (2014). Renovação do Voluntariado – Legado de Megaeventos Esportivos. Editora Multifoco: Rio de Janeiro.





Programas de voluntariado estruturados: da informalidade a profissionalização da gestão

O DESAFIO DA ESTRUTURAÇÃO DOS PROGRAMAS DE VOLUNTARIADO

Por Clarissa Martins, gerente de Programas Corporativos e Saúde Organizacional na Phomenta, responsável pelo desenvolvimento e implementação de programas de voluntariado corporativo de habilidades (pro bono).

O voluntariado é uma importante ferramenta para o Terceiro Setor. De acordo com dados da Abong divulgados em 2021, 70% das Organizações Não Governamentais (ONGs) brasileiras atuam quase integralmente com trabalho voluntário. Independentemente do papel que o voluntariado tem na organização, se ele é realizado para tarefas pontuais e específicas ou se ele é o principal vínculo das pessoas com a ONG, uma coisa é certa: a profissionalização da gestão dos programas de voluntariado é uma tendência e já se mostrou essencial para as organizações.

Fato é que estruturar um programa de voluntariado não é fácil. Exige tempo e dedicação da equipe da ONG. Vejo isso como o principal desafio para as organizações. A profissionalização do voluntário acaba sendo mais uma tarefa, dentre tantas outras, que a ONG precisa dar conta de fazer. E, se as organizações do Terceiro Setor já atuam em um contexto de recursos limitados, o cenário fica ainda mais desafiador devido às consequências da covid-19. De acordo com o estudo *o Impacto da COVID nas Organizações da Sociedade Civil (OSCs) Brasileiras*, da Mobiliza, 65% das ONGs apontam diminuição significativa de acesso a recursos financeiros e 40% delas mencionam estresse e sobrecarga da equipe. Apesar do desafio, investir na estruturação de um programa de voluntariado ainda vale a pena e destaco aqui três vantagens:

1. Programas de voluntariado atraem e retêm mais pessoas: estruturar um programa exige pensar em toda a jornada do voluntário na ONG, desde como as pessoas ficarão sabendo das vagas até como os voluntários serão acompanhados e reconhecidos. Com isso, a organização passará a ter uma postura ativa na divulgação de vagas e poderá chegar a cada vez mais pessoas. Além disso, com os voluntários sabendo o que se espera deles, para quem reportar, recebendo feedback e sendo envolvidos em ações de integração e reconhecimento, são maiores as chances de que permaneçam na organização por mais tempo.
2. Possibilita que o voluntariado seja mais estratégico para a ONG: normalmente relacionamos a atividade voluntária com as ações mais operacionais de uma organização, como fazer hortas, pintar muros e brincar com os beneficiários. Porém, o voluntariado pode ir

além e também ser uma fonte de conhecimento especializado em áreas que a organização não tem equipe interna fixa, como, por exemplo, recursos humanos, *marketing* e gestão de dados. Refletir sobre qual apoio a organização necessita é um excelente exercício para ampliar o campo de visão sobre o quanto o voluntariado pode agregar para as ONGs.

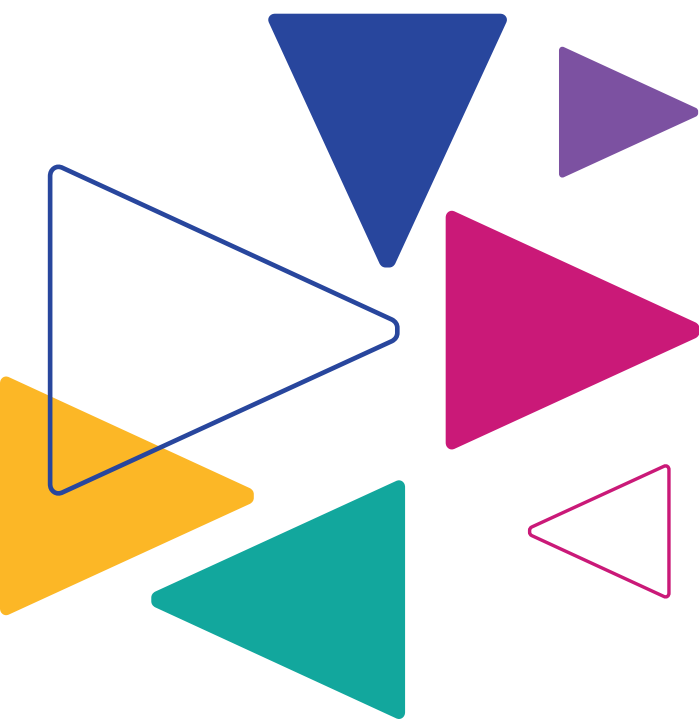
3. Maior proteção para a organização: o trabalho voluntário é regulado pela Lei nº 9.608/1998, que define, entre outros aspectos, que se trata de um trabalho não remunerado e que não gera vínculo empregatício. Para a organização estar juridicamente protegida, é necessário que seja firmado, entre voluntário e ONG, um termo que esclareça essa relação. A profissionalização do voluntariado pressupõe que haja uma ou mais pessoas responsáveis por esta gestão e seus processos. Dessa forma, tem-se maior garantia que as exigências legais estão sendo cumpridas dentro da ONG. Ainda que a profissionalização do voluntariado demande tempo e dedicação da ONG, é importante lembrar que o trabalho voluntário é uma forma de se ter mais pessoas atuando nas organizações.

Estruturar um programa exige muito no início, mas pode trazer excelentes resultados no médio e longo prazos. Além disso, vale ressaltar que a estruturação pode ser feita aos poucos, respeitando-se o momento e a disponibilidade da organização.

Referência:

<https://mobilizaconsultoria.com.br/o-impacto-da-covid-19-sobre-as-oscs-brasileiras/>

<https://abong.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Remuneracao-de-dirigentes-das-OSC.pdf>



VOLUNTÁRIOS: LUZES EM TEM TEMPOS DE ESCURIDÃO!

Por Ricardo Martins, fundador e presidente da ONG Olhar de Bia e fundador da Rede Conectados do Terceiro Setor, voluntário por missão e vocação.

Missão ou vocação? Ser voluntário é atender ao chamado maior que nos coloca para doar o que temos de mais precioso: nosso tempo! Nossas expertises, conhecimentos e a nossa história! Doar o que temos de melhor para outras pessoas ou causas.

Em tempos de pandemia, nos colocamos na linha de frente sem medo, ou melhor, se o medo existiu fomos com ele mesmo. E de uma forma tão particular formamos e demos musculatura a uma rede de atores, a Conectados do Terceiro Setor.

De uma maneira muito simples e com informalidade indivíduos e organizações, as INGs (Indivíduos Não Governamentais) e as ONGs (Organizações Não Governamentais) se uniram para ajudar! Algumas organizações bem estruturadas, inclusive na gestão de seus voluntários, mas outras apenas grupos de trabalho, com muita vontade de estar junto, de apoiar e de doar trabalho, tempo e recursos nesses tempos tão desafiadores de pandemia e distanciamento social. Desejo de ser a diferença em um mundo tão indiferente. A rede se formou não estamos sozinhos, reunimos pessoas empáticas, que descruzaram seus braços para fazer o bem!

Não havia necessidade de formalizar, de assinar compromissos e de medir resultados: eram tempos de realizar, de atender as demandas, de prover e conter as necessidades e os resultados eram sorrisos e agradecimentos. O grupo foi chamado de os doidos do bem! Mas depois foram reconhecidos como *luzes em tem tempos de escuridão*! Com os Conectados, conseguimos ter na prática que para fazer o bem de fato, não é necessário termos tantas e tantas regras, leis, letramento que, infelizmente, afastam quem quer apoiar e bate à porta para ajudar em tempos de emergências.

Agora, um novo momento! Construimos uma rede de confiança, pessoas com o mesmo propósito, que, apesar de fazerem o bem por caminhos diversos, seja na educação, na assistência, meio ambiente, sustentabilidade, etc., possuem valores comuns, e ainda o desejo de diminuir desigualdades, trazer qualidade de vida e justiça para todos. É momento de dar condições aos projetos e ao movimento, que estava na informalidade décadas, a profissionalização. A força do voluntariado vai construir isso! São gestores, advogados, contadores, assistentes sociais, publicitários, administradores e mentores que, neste novo tempo, trarão condições de estruturar, por meio de legislações e treinamentos, a melhoria contínua da rede para seguir apresentando e trazendo o melhor para quem necessita, com urgência de ser atendido e acolhido.

Que a pesquisa do Voluntariado no Brasil perceba que quem vem para o voluntariado, de maneira organizada ou na informalidade, tem a finalidade de cuidar de gente, construir um mundo cada vez melhor! É ouvir sua Vocação, realizar sua Missão, começando sempre pelo AGORA.



A Pandemia e seu impacto no Voluntariado

O QUE OS DADOS NOS CONTAM SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA NO VOLUNTARIADO?

Por Pamela Ribeiro, coordenadora de projetos especiais no GIFE e integrante do Comitê Coordenador do Movimento por uma Cultura de Doação.

Durante a pandemia do coronavírus, vimos aparecer diversas pesquisas e estudos no setor social, todos atentos aos impactos da covid-19, no engajamento cívico de empresas e pessoas em resposta à emergência. E o que esse conjunto de dados nos conta sobre os efeitos da pandemia do coronavírus no engajamento cívico no Brasil? Isso é o que este artigo pretende, pelo menos em partes, responder.

A pesquisa *Brasil Giving Report 2021*, realizada pela CAF - Charities Aid Foundation e pelo IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, mostrou uma pequena redução do engajamento cívico em geral do brasileiro durante o primeiro ano de pandemia: as atividades de doação e voluntariado caíram de 78% em 2019 para 72% em 2020. O engajamento com o voluntariado em OSC - Organizações da Sociedade Civil, que vinha estável no patamar de 43% desde 2017, caiu para 41% em 2020. Já o voluntariado para igrejas ou outras organizações religiosas registrou uma oscilação ainda maior, de 44% em 2019 para 40% em 2020.

Quando olhamos para o voluntariado corporativo, o cenário não foi muito diferente. Dados da pesquisa BISC 2020 - *Benchmarking* do Investimento Social Corporativo, da Comunitas, mostram que houve uma queda de 35% no número de colaboradores voluntários em 2020 em relação a 2019. O crescimento no engajamento das empresas, observado tanto no Censo GIFE 2020 quanto no BISC 2020, por meio de um aumento expressivo no volume dos investimentos sociais, não foi observado no voluntariado.

Portanto, o primeiro ano de pandemia parece ter sido marcado por uma redução no engajamento dos brasileiros em atividades voluntárias, o que pode ser explicado, de acordo com o BISC 2020, pelo impacto natural que o isolamento social teve em atividades presenciais.

Porém, os dados apontam também para uma resignificação do engajamento cívico dos brasileiros durante a pandemia. Os dados do BISC 2020 mostram um crescimento na formação de redes de colaboração entre voluntários (de 65% em 2019 para 82% em 2020), no estímulo ao voluntariado digital (de 55% em 2019 para 82% em 2020) e na doação ca-

sada funcionário-empresa (de 18% em 2019 para 36% em 2020). A pesquisa *Voluntariado na Educação*, realizada pelo Itaú Social em parceria com o Instituto Datafolha e divulgada em dezembro de 2021, aponta uma tendência semelhante quando mostra que 47% dos respondentes disseram que houve um aumento de doação de alimentos neste período. Aqueles que foram impedidos de se dedicar ao trabalho voluntário presencial, aderiram ao voluntariado digital ou outras formas de doação, como a doação de dinheiro e de bens, como mostram as pesquisas.

O mais recente estudo sobre o tema - Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 - realizado pelo Instituto Datafolha e pelo IDIS retrata um cenário um pouco diferente do observado no primeiro ano de pandemia. Segundo a pesquisa, o percentual de pessoas que declararam ter aumentado suas atividades voluntárias (47%) durante a pandemia foi superior ao percentual dos que declararam uma redução (34%). Destes, a maioria (61%) se engajou na distribuição de alimentos, roupas, medicamentos, cestas básicas, livros e brinquedos.

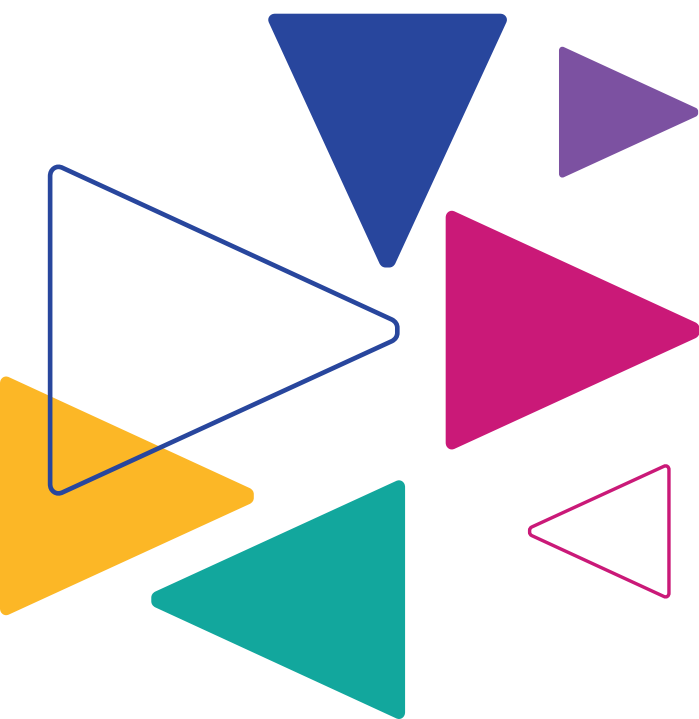
Portanto, o que os dados nos contam é que, apesar de uma retração inicial, os números de voluntariado parecem ter voltado a crescer, mostrando uma tendência de reacomodação da prática, que se concentrou em ambientes virtuais e no enfrentamento aos efeitos mais imediatos da pandemia. Nesse sentido, a pandemia parece ter impulsionado novas formas de engajamento cívico e novas experiências de doação, ampliando as possibilidades e o potencial do voluntariado no Brasil.

Referências:

Brasil Giving Report 2021: https://www.idis.org.br/wp-content/uploads/2022/02/CAF_BrazilGiving2021_WEB_CDT-55_050122-Copy-002_pt.pdf

Benchmarking do Investimento Social Corporativo (BISC) 2020: <https://bisc.org.br/dados/vii-as-novidades-nos-programas-de-voluntariado/>

Voluntariado na Educação: <https://www.itausocial.org.br/noticias/pesquisa-mostra-que-quase-todos-brasileiros-consideram-o-voluntariado-importante/#:~:text=Neste%20Dia%20Internacional%20do%20Voluntariado,j%C3%A1%20realizou%20alguma%20atividade%20volunt%C3%A1ria>





O Voluntariado Empresarial no Brasil na última década

A DÉCADA DO VOLUNTARIADO EMPRESARIAL PELAS LENTES DO CENSO CBVE

Por Carolina Muller, Gestora da Secretaria Executiva do Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE) e Gerente de Projetos no Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS).

Os últimos 10 anos foram marcados por uma velocidade sem igual no nosso modo de agir, pensar, sentir, consumir e se movimentar por este planeta. É neste cenário de volatilidade, transformação e imprevisibilidade que vamos aqui falar do voluntariado empresarial corporativo e de sua evolução, considerando nesta análise a série de Censos realizados pelo CBVE - Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial, e que vem, desde 2015, evidenciando um crescimento sustentado e qualificado do voluntariado corporativo empresarial enquanto ferramenta estratégica de desenvolvimento de pessoas, comunidades e instituições.

Programas cada vez mais estratégicos, institucionalizados, gerenciados por indicadores próprios e alinhados aos ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável vem dando a tônica de uma rede que cresceu em capacidade de mobilização e com resposta às demandas da sociedade, especialmente diante de cenários emergenciais, como o vivenciado a partir da covid-19. Momento em que a rede cresceu, aumentando em 185% o número de pessoas alcançadas pelas suas ações.

Considerando uma leitura ampla do cenário, o primeiro Censo, de 2015, evidenciou a necessidade de identificação e a disseminação de boas práticas, traduzida como demanda por construção de conhecimento sobre voluntariado empresarial, focado preliminar e principalmente nas múltiplas dimensões e possibilidades do seu fazer. Já em 2016, foi possível perceber movimentos em busca de maior organicidade, alinhamento estratégico e aplicação de ferramentas de gestão, dando início à busca pela definição de processos e instrumentos de monitoramento e avaliação. Uma trajetória ainda em curso, que ganhou forma à medida em que áreas dedicadas à gestão dos programas de voluntariado foram sendo criadas.

Neste mesmo tempo, duas grandes tendências surgiram: o alinhamento das ações de voluntariado empresarial aos objetivos estratégicos das empresas e o crescimento do desenvolvimento de ações voluntárias fora do horário comercial. Nesse cenário, o exercício cada vez maior na construção de sistemas próprios para a gestão das atividades de voluntariado emergiu como tendência significativa de investimentos específicos para resolução das demandas de cada organização e, principalmente, de seus colaboradores - maior valor

e motor do voluntariado empresarial. A necessidade de seguir buscando por indicadores do impacto decorrente da ação voluntária ficou evidente, motivando o próprio CBVE a iniciar sua própria jornada de desenvolvimento de indicadores íntegros para qualificar a gestão e melhor apurar resultados dos programas de voluntariado

Nesses dois períodos - 2015 e 2016 - as áreas de Educação e Geração de Renda concentraram o maior número de atividades de voluntariado da #rede. A pactuação global em torno dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e o fortalecimento da perspectiva de interdependência no qual se assentam seguiram alinhando os esforços para o cumprimento da Agenda 2030 e se consolidaram como ponto de partida e também de chegada das ações voluntárias.

A partir de 2018, quando o Censo passou a ser bianual, o alinhamento dos programas de Voluntariado e suas ações ao plano estratégico das empresas se fortaleceu. Quase 95% das associadas declararam realizar este alinhamento passando a ser fundamental que as ações e programas de voluntariado empresarial estejam conectados aos objetivos e planos estratégicos das instituições, como forma de fortalecimento e perenidade das ações, precursor do movimento ESG que vem a ser incorporado nas organizações.

E neste aspecto a Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 e seu estudo sobre o voluntariado empresarial na última década, elaborado, organizado e coordenado por Silvia Naccache, traz reflexões que as empresas, ao cumprirem sua responsabilidade social e metas ESG também levam essas qualidades aos programas de voluntariado junto a seus colaboradores, destacando o movimento voluntário como deflagrador de *soft skills*, com destaque para a flexibilidade para lidar com adversidades. Destaque também para o número de voluntários engajados por e em programas de voluntariado corporativos, 15%, sendo que destes, 42% atuam com frequência definida.

Paralelamente, o surgimento do coronavírus arrastou de uma só vez as corporações ao isolamento social e à necessidade da transformação digital. O voluntariado, tão dependente e alimentado de toques, abraços e olhos nos olhos, precisou se reinventar e redescobrir novas formas de alcançar aos mais necessitados.

Estar em ação mantendo protocolos sanitários foi desafiador, e migrar do presencial para o virtual foi e continua sendo um calibrador de prerrogativas e possibilidades de estar e atuar em um 'novo normal', ainda mais demandante de recursos e intervenções de proteção e promoção social.

Agora, com a possibilidade do retorno presencial intercalando presença e tecnologia em modelos híbridos de operação, seguimos certos de que jamais voltaremos ao que era antes, não sendo possível nem desejável, ignorar o muito que aprendemos sobre conexão e ganhamos em agilidade. Não só pelo alargamento da presença da tecnologia nas nossas vidas, mas também pelas emergências humanitárias às quais nos ligamos.

Alinhavar o agora a um futuro melhor, garantir o essencial à preservação da vida e da dignidade hoje, garantindo assistência humanitária aos que mais precisam, unificou-se como a demanda prioritária dos programas de voluntariado empresarial, renovando o desafio de pensar a assistência, aqui entendida como garantia de acesso aos mínimos sociais. Nessa jornada, como #rede, nos posicionamos como espaço de partilha, que trabalha para #inspirar você, nosso leitor, a também aceitar o desafio de fazer de nosso mundo um lugar melhor! Nesse sentido, seguimos ainda mais próximos, acelerando inovações e aprendizagens no cumprimento do chamado global para não deixar ninguém para trás.

O VOLUNTARIADO EMPRESARIAL E O INVESTIMENTO SOCIAL PRIVADO

Por Patricia Loyola, diretora de Gestão e Comunicação da Comunitas, responsável pelo projeto BISC de investimento social corporativo.

Apreendi o valor do voluntariado nas empresas pelas quais passei. Confesso que até ingressar no meu primeiro emprego, não tinha o hábito de doar meu tempo, trabalho e talento em benefício de terceiros. Em minha trajetória profissional, tive inúmeras experiências como voluntária empresarial, desde atuações mais pontuais como reforma de espaços e limpeza de computadores revitalizados para doação, até ministrar aulas e mentorear jovens de comunidades vulneráveis de forma periódica. Os benefícios para mim como voluntária foram de diversas ordens, com inúmeros aprendizados e realizações.

Para além do impacto positivo no voluntário, os dados mostram que o voluntariado empresarial representa uma importante colaboração na construção do perfil do voluntariado em nosso País e tem ganhado amplo espaço na última década. Os dados da pesquisa BISC - Benchmarking do Investimento Social Corporativo, liderada pela Comunitas, acompanham desde 2008 essa agenda com diversas empresas. Em sua última edição, foram 324 empresas e 17 institutos/fundações empresariais.

Na última década, o voluntariado corporativo na Rede BISC passou por transformações significativas. Em 2010, os processos de acompanhamento dos programas careciam de informações cruciais para o planejamento e gestão: 20% das empresas não relataram o valor investido nesses programas; 30% não informaram sobre o número de voluntários e 94% sequer estimaram o número de horas trabalhadas pelos envolvidos.

Com o passar dos anos, tanto os programas quanto seus indicadores de gestão foram intensificados. Na última década, os investimentos da Rede BISC em programas de voluntariado variaram entre R\$ 11,6 e R\$ 16,6 milhões. Ainda nesse período, o percentual de colaboradores envolvidos a cada ano variou de 8% a 15% (mediana), percentual aquém do parâmetro internacional de 22% na média de 18 países, segundo o relatório *Global Impact at Scale* - 2020.

Em 2017, houve um significativo recuo no voluntariado empresarial, o que foi considerado pela Rede BISC como uma consequência do impacto da crise econômica e, consequentemente, os desligamentos em massa de colaboradores e, portanto, o acúmulo de trabalho e funções. Tal realidade, ainda que momentânea, acabou por diminuir, em alguma medida, o 'clima' para a atuação voluntária.

No ano seguinte, os indicadores voltaram a subir e, em 2019, a pesquisa destacou a importância do envolvimento da liderança nas ações de voluntariado. Ao mesmo tempo em que houve um crescimento expressivo do envolvimento dos colaboradores, a participação intensa das lideranças em atividades voluntárias quase triplicou em três anos. Chegando a 2020, vivenciamos incontáveis desafios gerados pela covid-19 e, portanto, o voluntariado com seu forte teor presencial foi prejudicado. Naquele ano, o número de colaboradores voluntários da Rede BISC caiu 35% em relação ao ano anterior. Por outro lado, a crise sanitária fortaleceu estratégias como formação de rede de colaboração entre voluntários, voluntariado digital e doação casada, apesar de ter feito decrescer a liberação de horas de trabalho. O pro bono também ganhou força na pandemia. Essa modalidade é contabilizada na pesquisa BISC como a contribuição das empresas em forma de bens e serviços.

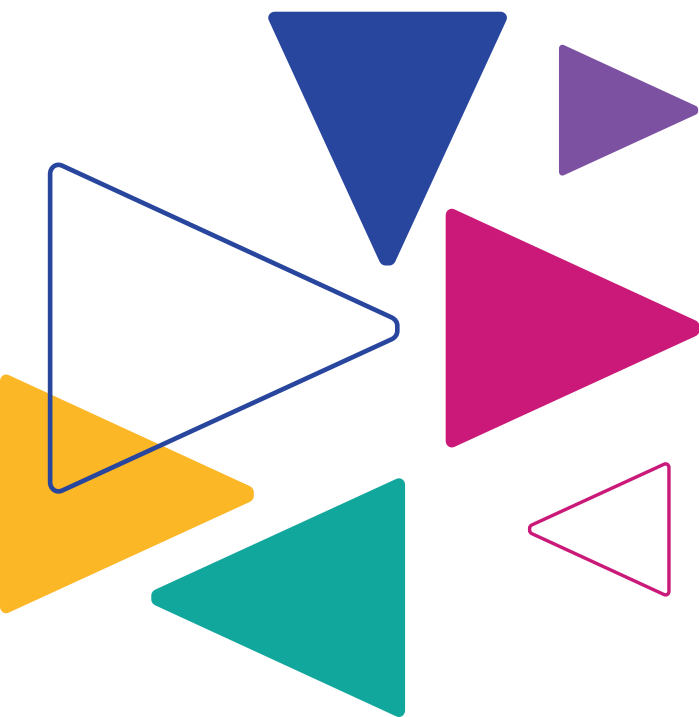
Visando apoiar as empresas em suas autoavaliações dos programas e refletir sobre as possibilidades de aprimoramentos futuros, o BISC construiu com a rede cinco dimensões relacionadas aos indicadores de qualidade listados a seguir por ordem decrescente de notas atribuídas no BISC 2020 aos programas de voluntariado empresarial: Desenho e gestão (8,7), Envolvimento institucional (8,6), Alianças estratégicas (8,0), Comunicação e mobilização (7,0) e Monitoramento, controle e avaliação (6,6).

Certamente, há espaço de melhoria em todas essas dimensões, no entanto, é no campo do monitoramento e da avaliação que as empresas apresentam as maiores dificuldades. Talvez, esse seja um ponto de atenção para que os programas de voluntariado sejam cada vez mais pensados e estruturados como instrumento estratégico para as empresas e suas contribuições sociais em âmbito local, regional, nacional e em agendas globais, tais como os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a agenda ESG - *Environmental, Social, and Governance*.

O voluntariado empresarial é caracterizado pela relação de ganha-ganha, na qual a empresa amplia o engajamento de seus colaboradores e abre frentes de capacitação prática a eles; o profissional vivencia maior realização e senso de propósito, ao mesmo tempo que tem a chance de desenvolver novas habilidades. Os beneficiários são fortalecidos em capacidades tão diversas quanto o leque de ações implementadas. Razões pelas quais vale a pena seguir investindo nessa prática para que os próximos dez anos sejam de ainda mais avanços e conquistas.

Referências:

https://cecp.co/thought_leadership/global-impact-at-scale/.





O Voluntariado e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OS MOVIMENTOS DE VOLUNTARIADO PELOS ODS

Por Camile Rebeca Bruns, coordenadora Voluntária de Mobilização do Movimento Nacional ODS Santa Catarina, mestrande em Administração, especialista em Responsabilidade Social Empresarial e graduada em Serviço Social.

Começo esse texto refletindo sobre ‘O que é ser voluntário?’. Se procurarmos no Google, vamos encontrar a seguinte definição: “que não é forçado, que só depende da vontade; espontâneo; que se pode optar por fazer ou não”. Para mim, voluntária do ODS - Movimento Nacional Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Santa Catarina há 13 anos, ser voluntária é mais do que essa definição básica. É uma escolha, é comprometimento, uma forma de entregar meu melhor tempo para um bem comum, capacidade de entregar meu trabalho gratuito numa causa na qual eu acredito. Uma forma de inspirar pessoas e organizações em prol de uma causa que transforma vidas e o planeta. Ser voluntário é doar e receber.

Neste Movimento, somos mais de 1.000 voluntários, que estão juntos contribuindo para o alcance dos ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos na Assembleia Geral da ONU - Organização das Nações Unidas, em 2015, para serem atendidos até 2030 a fim de contribuir com um planeta melhor para se viver. Nesta agenda, o trabalho voluntário é primordial, pois é por meio das pessoas que conseguimos inspirar outras pessoas que estão à frente de organizações e empresas a atuarem em prol desses objetivos.

Porém, não é fácil envolver o voluntariado em uma agenda tão complexa como esta. Um dos grandes desafios está nas pessoas entenderem que não apenas as empresas e organizações possuem objetivos para atuarem, mas também nós, como indivíduos e inseridos em uma comunidade, temos como impactar nas metas a partir das nossas ações mais simples, como manter um consumo mais consciente no nosso dia a dia ou agir com ética diante de qualquer situação cotidiana. Contagiar positivamente as pessoas que moram, que trabalham conosco ou que convivem diariamente a conhecerem os ODS e agirem de forma a contribuir cada vez mais com as metas dessa Agenda.

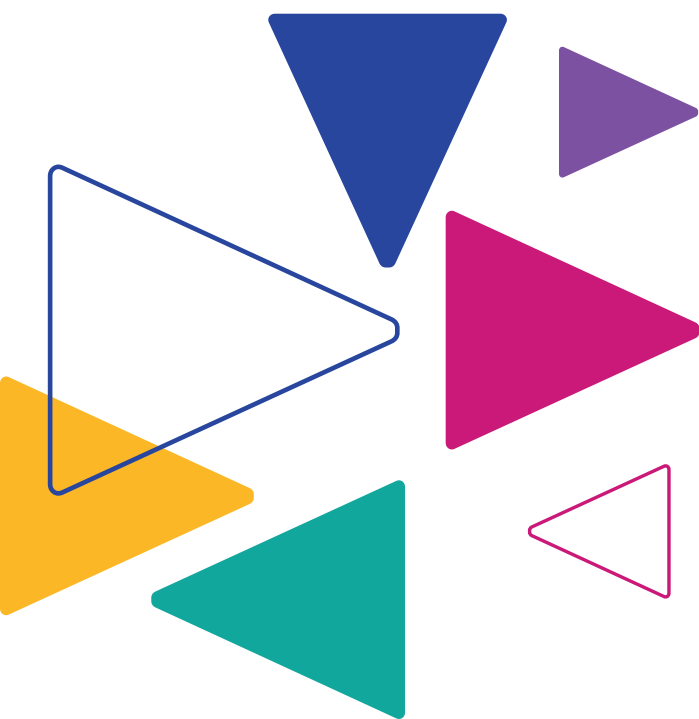
Manter o engajamento dos voluntários também é desafiador. Diante da realidade do Movimento ao qual participo, há também dificuldades em capacitar e desenvolver lideranças voluntárias que queiram atuar inspirando pessoas e organizações para um mundo mais sustentável.

Mas podemos perceber que os acontecimentos dos últimos tempos impactaram de forma

positiva e também negativamente a Agenda 2030. Do ponto de vista negativo, estamos vivenciando situações que afetaram a saúde da população, eventos climáticos que aumentaram ainda mais a situação de vulnerabilidade das pessoas, impactando nos desastres e insegurança alimentar e hídrica, dentre tantas outras questões que se agravam todos os dias. Positivamente, do ponto de vista da mobilização da sociedade em prol das questões socioambientais, participando mais ativamente de espaços de controle social, sendo voz mais ativa para os temas.

Se analisarmos a situação de pandemia vivenciada desde o início de 2020, o trabalho voluntário foi essencial para muitas pessoas na garantia de alimentação diante de doações mobilizadas por voluntários, deslocamento, apoio psicológico entre outras questões relevantes. Tivemos diversos exemplos de empresas mobilizando voluntários e impactando positivamente nas comunidades onde estavam inseridas, realizando parcerias com organizações locais e identificando as urgências daquela população nas quais as propostas de soluções a empresa e seus colaboradores poderiam se envolver.

A sociedade vem cobrando uma atuação mais socialmente responsável das empresas e os ODS são uma ferramenta poderosa para mobilizar recursos a fim de maximizar os impactos positivos e minimizar os impactos negativos. Considerar uma atuação em prol dos ODS é não deixar de considerar que ele é trilhado por pessoas e para pessoas e, sendo assim, é um caminho para todos.



OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E O VOLUNTARIADO EMPRESARIAL

Por Rafael Medeiros. Graduado em Relações Internacionais e mestre em Filosofia. Trabalhou com voluntariado e ativismo entre 2013 e 2021. Atualmente é Head de Pessoas & Cultura na Rede Brasil do Pacto Global.

Tornar-se voluntário é uma decisão pessoal importante. Ela é motivada pelo desejo de apoiar causas e cuidar de outras pessoas, nas mais variadas situações. Esse desejo surge quando uma pessoa se sente intimamente ligada à causa de alguém ou de uma instituição. E, assim, se disponibiliza para contribuir com seu tempo e talento. Historicamente, foi por meio da filantropia que o voluntariado surgiu. No Brasil, seria impossível contar a história das Santas Casas sem falar do papel do voluntariado no apoio ao cuidado das pessoas vulneráveis.

Nos anos 2000, o voluntariado ganhou novas modalidades. Tornou-se parte da estratégia de instituições globais, governos e empresas privadas. A necessidade de um planeta sustentável produziu um novo contexto cultural, econômico e político. O voluntariado deu um passo à frente: para além da filantropia, passou a ser considerado um meio de implementação da sustentabilidade no mundo.

Em 2015, países e empresas se comprometeram com os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Eles formam a Agenda 2030, uma política global baseada no voluntarismo de chefes de Estado e de governo, juntamente com empresas e ONGs, para realizar impacto social mensurável em diversas áreas: desde a redução da pobreza, equidade de gênero, passando pelas questões climáticas e de anticorrupção. No componente de pessoas dessa política global, o voluntariado é altamente estratégico.

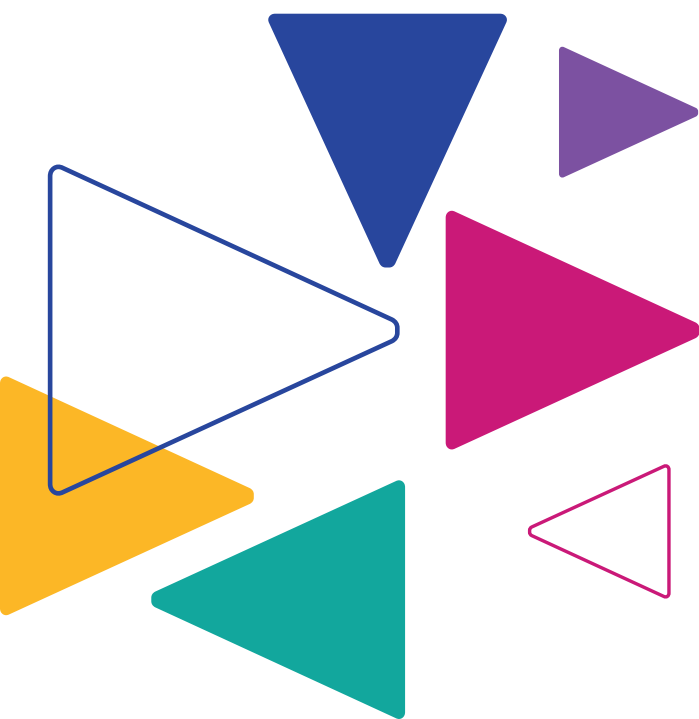
O desafio de ser um meio de implementação da Agenda 2030 é grande. Traz aos programas de voluntariado a necessidade de estarem alinhados com o maior valor social possível, contribuindo com os ODS de forma tática. Em outras palavras: significa direcionar o voluntariado para impactar as metas certas, de maior impacto.

As empresas têm um papel fundamental nesse desafio. A pandemia da covid-19 pressionou os números da pobreza, da desigualdade e da injustiça no mundo. E também mostrou a fragilidade de sistemas políticos para lidar, ao mesmo tempo, com a vulnerabilidade da vida e a manutenção de direitos democráticos. No Brasil, as empresas recuperaram a força da filantropia no auge da pandemia, realizando doações em larga escala e colaborando com ONGs localmente. Muitos programas de voluntariado corporativo se adaptaram, continuando suas atividades em diversas comunidades.

Esse episódio demonstrou que as empresas possuem alta capacidade de acelerar impactos sociais em momentos de crise. Essa capacidade de aceleração deve estar à serviço da Agenda 2030, mesmo depois da pandemia. O voluntariado corporativo é um meio disponível para essa aceleração, um implementador do componente social do negócio.

Em 2022, o melhor dos mundos, literalmente falando, será com as organizações se comprometendo publicamente com metas ODS mais ambiciosas, já que a pandemia piorou o contexto socioambiental no Brasil e no mundo.

A escolha por um ODS é pautada na capacidade de medir o resultado que importa, isto é, escolher o ODS certo, e saber como impactar a partir do core business. Já que as organizações investem cada vez mais em programas de voluntariado corporativo, cada vez mais robustos, com pessoas capacitadas para mobilizar outras, assim como estratégias e metas permanentes, por meio desses programas totalmente alinhados, teremos empresas e pessoas que podem acelerar e impactar positivamente a Agenda 2030.





Redes e movimentos de voluntariado Brasil e Mundo

REDES PROMOTORAS DO VOLUNTARIADO

Por Andréa Martini Pineda, pesquisadora no Centro de Estudos em Administração Pública e Governo (CEAPG) da EAESP-FGV e doutoranda em Administração Pública e Governo na Fundação Getúlio Vargas.

Voluntariado: do bem individual para o bem coletivo! A frase com que Che Guevara definiu o trabalho voluntário está imortalizada em um monumento de Havana, Cuba, e é um lembrete à população: “el trabajo voluntario es una escuela creadora de conciencia, es el esfuerzo realizado por la sociedad y para la sociedad como un aporte individual y colectivo”¹. Seja por motivações religiosas ou culturais - como em países anglo-saxões, onde a tradição filantrópica é bastante enraizada - em todo o mundo, um em cada cinco adultos se voluntariou ao longo da última década (Charities Aid Foundation, 2011).

No Brasil, a filantropia existe desde a colonização portuguesa, com a ação voluntária sempre associada à caridade e ao assistencialismo. Apenas a partir da década de 1980, as organizações sociais ampliaram sua atuação como produto dos movimentos sociais surgidos durante e após a ditadura militar (1964 - 1985).

Desta forma, olhando a história dos últimos 30 anos de voluntariado no Brasil, identifico quatro ‘ciclos de solidariedade’: um primeiro iniciado em meados da década de 1990, após a elaboração da Constituição Federal; um segundo bem demarcado em 2001, com o Ano Internacional do Voluntário; um terceiro na década passada, considerada ‘a Década do Voluntariado’; e, finalmente, o que estamos vivendo desde o início da Pandemia da covid-19, com a mobilização e ações voluntárias no campo da saúde e doações financeiras.

A elaboração da ‘Constituição Cidadã’ de 1988 reconheceu o papel da sociedade civil e do setor privado no desenvolvimento do País, considerado um marco no 3º Setor. Nesse período, dissemina-se a ideia de cidadãos mais ativos, comprometidos com o espaço público coletivo, e menos uma visão assistencialista. Não por acaso, segundo o IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004), 62% das entidades do setor surgem a partir da década de 1990, como algumas instituições estruturantes para o campo: a Abong - Associação Brasileira das Organizações Não Governamentais, em 1991, o GIFE, Grupo de Fundações de Institutos e Empresas, em 1995, e a ABCR - Associação Brasileira de Captadores de Recursos, em 1999.

Nesse contexto fértil da década de 1990, com carisma e sabedoria, a então primeira-dama Ruth Cardoso imprime uma visão mais profissional à área social (muito distante da ideia de ‘primeiro damismo’). Em 1997, o Programa Voluntários da Comunidade Solidária, presidido por ela, apoiou a criação de 20 Centros de Voluntários pelo País, sendo o primeiro deles na cidade de São Paulo.

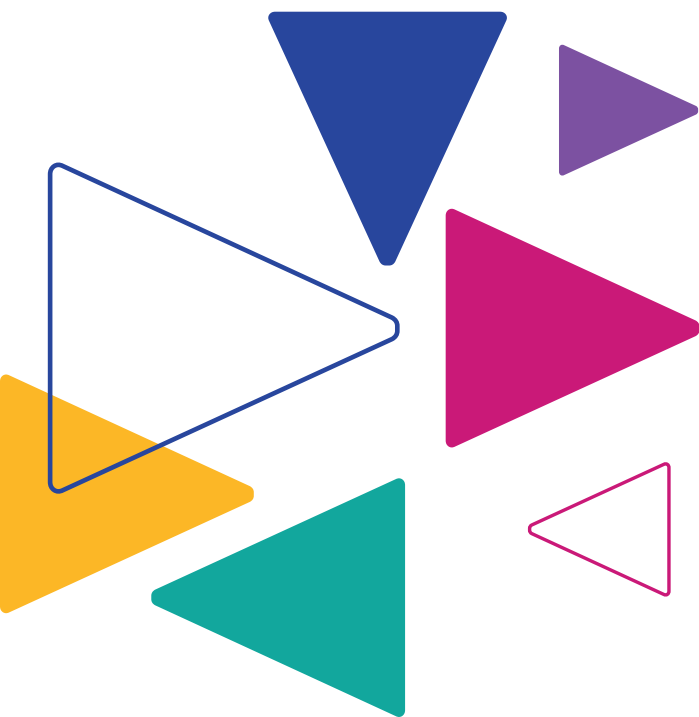
Presidido por Milú Villela e onde tive a felicidade de ser voluntária por quase 10 anos, o CVSP - Centro de Voluntariado de São Paulo foi a ponte entre quem queria ser voluntário e as organizações sociais na cidade de São Paulo. Em 20 anos, mais de 211 mil pessoas foram orientadas por palestrantes-voluntários como eu e mais de 1.200 organizações sociais se cadastraram no site do CVSP buscando voluntários.

Entre 2000 e 2006, uma parceria entre o CVSP e o SESI - Serviço Social da Indústria realizou formações sobre Responsabilidade Social Empresarial para 2.868 participantes de todo o estado de São Paulo. Coincidentemente, representando o SESI nessas ações estava minha mãe! O voluntariado sempre foi um valor em nossa família: ainda na década de 1960, minha avó, mãe e tias eram voluntárias na Feira da Bondade, realizada anualmente pela APAE de São Paulo -, e eu sigo transmitindo esse valor aos meus filhos. Apesar de ter começado a me voluntariar no CVSP ainda muito jovem, essa experiência impactou minhas escolhas profissionais e foi transformadora na minha maneira de ver (e estar) o mundo.

Referências:

CHARITIES AID FOUNDATION. CAF World Giving Index 10th Edition. Charities Aid Foundation, [S. l.], 2011.
IPEA; IBGE. As Fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil: 2002. Rio de Janeiro.
CHARITIES AID FOUNDATION. CAF World Giving Index 10th Edition. Charities Aid Foundation, [S. l.], 2011.
IPEA; IBGE. As Fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil: 2002. Rio de Janeiro.

¹ Tradução da autora: “O trabalho voluntário é uma escola que cria consciência. É o esforço da sociedade e para a sociedade como contribuição individual e coletiva”.





Voluntariado: motivações, causas e propósito

OS GRANDES DESAFIOS DO SÉCULO XXI PARA O VOLUNTARIADO

Por Kelly Alves do Carmo, cientista Social, mestra em Gestão para a Sustentabilidade, possui MBA em Recursos Humanos e é especialista em responsabilidade social, projetos sociais e Terceiro Setor.

O conceito que utilizamos para definir trabalho voluntário na Pesquisa Voluntariado no Brasil é de influência mais humanista e atual: *‘Serviço ou atividade voluntária é doar tempo e trabalho de maneira espontânea e sem remuneração para a comunidade, para projetos sociais, para programas assistenciais, para causas, para eventos e situações emergenciais’*. Pode ser individual, organizada por grupos ou por empresas”. Porém, no Brasil o voluntariado nasce como uma forma de lidar com os primeiros desafios sociais, que vão surgindo com a convivência entre os nativos da terra, os europeus e, posteriormente, com os negros escravizados.

De fato, o voluntariado brasileiro expressa o impacto da Igreja Católica no processo de colonização, na benemerência cristã, na imposição de dogmas religiosos aos povos originários e também nos primeiros serviços de saúde neste território. Era uma ação para lidar com a dor imediata dos primeiros conflitos e desigualdades sociais nessa relação. E, conforme o Brasil vai se desenvolvendo, as desigualdades sociais vão se ampliando, bem como as ações voluntárias e, assim, mantém ao longo da sua história os resquícios da influência cristã, de forte teor católico.

Depois de cinco séculos, a Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 traz um número surpreendente: 54 milhões de brasileiros são voluntários, 20 milhões de forma regular. Aquelas ‘obras’ que surgiram como a ação de alguém que estava em uma situação de magnanimidade cristã ou generosidade gratuita, com o objetivo de abrandar a fome, diminuir as desigualdades de acessos à saúde ou educação, evoluiu para a organização de grupos, movimentos sociais, se fortalecendo e construindo programas de voluntariado cheios de motivações, causas e propósitos. A pesquisa aponta que mais de 97% das pessoas acreditam que o trabalho voluntário é um exercício de cidadania e um processo transformador da realidade.

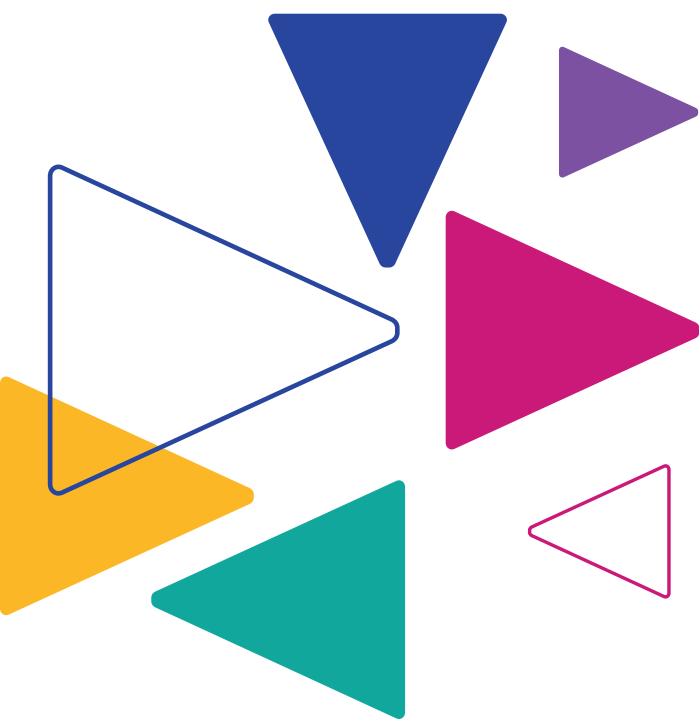
A pesquisa elucida que 74% dos brasileiros que praticam o voluntariado apontam que a principal motivação de sua atuação é a Solidariedade e 88% afirmam que o voluntariado contribui para a cultura de paz e colaboração para o bem comum; 35% dizem que a sensação de ajudar ao próximo e 25% a percepção de estar fazendo algo relevante são os principais causadores de satisfação do trabalhador voluntário.

Ser voluntário é reconhecer que há um problema, um desafio e, com seu tempo, com seu trabalho e conhecimento, ser parte dessa solução. É acreditar que sua atuação faz a diferença e isso gera e retroalimenta a motivação, a paixão por causas e propósito. O engajamento é o reconhecimento que você está conectado a algo ou alguma coisa. Essa conexão pode ser racional ou emocional, pode ser individual ou coletiva, pode ser entre pessoas, uma causa comum ou institucional, mas o mais importante é que ela deve gerar valor compartilhado e resultados positivos. Por vezes, o voluntário nem tem tanta consciência deste valor na sua atuação, por vezes é uma bandeira de luta, de ativismo, militância que realmente motiva o seu viver.

O grande desafio do século XXI, com tantas pautas, tantos problemas e desigualdades, é gerar engajamento nos programas de voluntariado, bem como a permanência dos voluntários. Uma das principais dicas dos especialistas é estimular o ativismo, demonstrar o quanto a sua ação e o seu trabalho voluntário impactam naquela realidade e, consequentemente, na vida de outras pessoas. Um ponto de atenção apontado pela pesquisa é a necessidade de motivar as pessoas, demonstrar que elas fazem a diferença e apoiar a continuidade das ações.

Em 2021, na sua terceira edição, a pesquisa marca que as principais causas dos voluntários brasileiros são: público em geral (36%), famílias e comunidade (35%), crianças, adolescentes e pessoas em situação de rua (25%), um aumento significativo para as causas da pessoa com deficiência (9%), causas dos animais (9%) e meio ambiente (6%).

Muitos programas romantizam a ação do voluntário e os impactos do voluntariado, porém há um chamamento da sociedade para promover dinâmicas de escuta, analisar a realidade que a pessoa e/ou a instituição estão inseridas, ouvir as expectativas da comunidade e construir coletivamente esses programas e projetos. Impactar positivamente no local que está inserido, mas fazendo correlações com o macro, que pode ser a cidade, o estado, o país ou o mundo. Um dos exemplos disso são os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, demonstrando de forma clara e objetiva quais são os maiores problemas do planeta e que todos nós somos responsáveis e devemos contribuir com a solução.



A DIMENSÃO ÉTICA DA CIDADANIA E DO VOLUNTARIADO

Por Reinaldo Bulgarelli, educador, consultor, voluntário, professor, palestrante, autor ou coautor de livros em suas áreas de atuação: direitos humanos, sustentabilidade, responsabilidade social, voluntariado, investimento social, diversidade, equidade e inclusão.

Saber quais são as motivações e causas apontadas pelas próprias pessoas voluntárias é um encontro com a diversidade que nos caracteriza como pessoas e a diversidade de motivações e causas que abraçamos. Mas, e o propósito? É também tão plural quanto as motivações e causas? Neste ponto, precisamos refletir sobre o que é voluntariado.

Utilizo como conceito de voluntariado a seguinte ideia: “A pessoa voluntária transcende sua condição cidadã. Em gesto de total liberdade, por vontade própria, por entender que é fundamental para si e para a comunidade, envolve-se numa ação solidária e transformadora. Para alcançar os objetivos a que se propõe, a pessoa voluntária disponibiliza o seu tempo, seus conhecimentos, seus valores, suas habilidades, sua energia, seus recursos financeiros, para pessoas, situações ou causas que tenham total sintonia com o projeto de humanidade expresso na Declaração dos Direitos Humanos e suas atualizações.”

Escrevi isso no início dos anos 2000, quando estávamos realizando um grande esforço para ampliar a cultura de voluntariado no País. Entendo que conseguimos, apesar do muito que falta para sermos mais voluntários, termos mais ações práticas de voluntariado, mais organizações acolhedoras de voluntários e mais qualidade na intervenção na realidade. É outro tema para o qual muitas pessoas se dedicam.

Um divisor de águas no mundo entre antigas práticas de voluntariado e as atuais, no meu entender, foi a combinação planetária que fizemos, como humanidade, no final dos anos 1990. A ONU - Organização das Nações Unidas nos reuniu, pessoas, organizações e estados, para criarmos e colocarmos em prática as Metas do Milênio. Hoje temos os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, pensando na construção de uma realidade mais digna para todas as pessoas, sem deixar ninguém para trás, até 2030. Nossas motivações pessoais para o voluntariado, que passam por questões religiosas, políticas, visões de mundo das mais variadas, à esquerda ou à direita, encontram nos ODS algo em comum a ser compartilhado.

Ser voluntário, assim, é agir para além do que é esperado de nossa cidadania, da obrigação que temos no dia a dia, em tudo que somos e fazemos, para que esse projeto de mundo, que tem por base direitos humanos, se concretize nos atuais ODS. A direção é uma só e visa garantir que a vida possa se expressar com dignidade num mundo sustentável. A dimensão ética da cidadania e do voluntariado está dada.

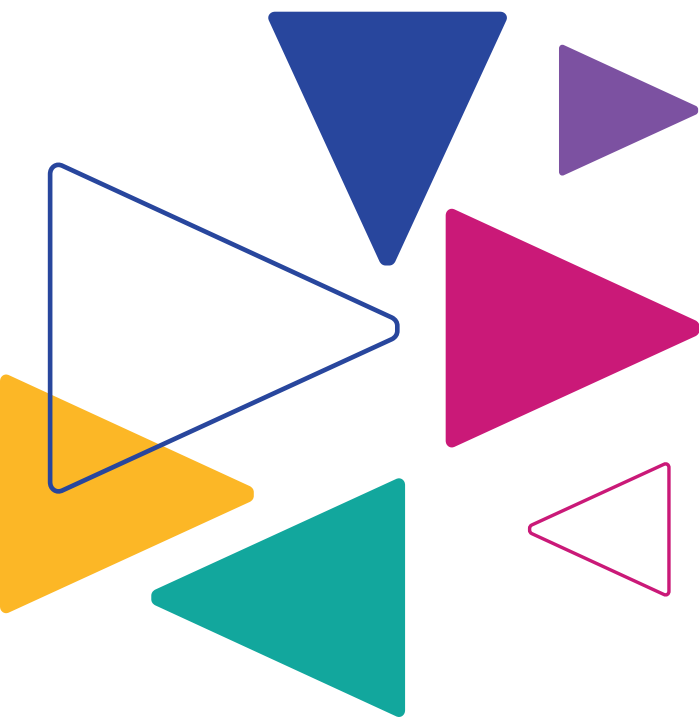
Cidadania é a obrigação de perceber-se parte numa rede de relações interdependentes, praticando, beneficiando-se e ampliando direitos que tornam a coletividade melhor. O voluntariado deve ser também prática de cidadania, apesar de ir além do esperado, por olhar o todo, por fazer a parte, mas de olho no mundo melhor que cada gesto está construindo. Se estamos numa rede de relações interdependentes, voluntariado não age para ‘tapar buraco’, fazer porque outros não fazem, fazer para que outros não façam, tudo isso enquanto o mundo melhor não surge de algum milagre. O voluntariado, quando atua na direção do desenvolvimento sustentável, já é o mundo melhor acontecendo!

Na medida em que as pessoas conseguem se articular em torno de uma agenda comum, algo de diferente já está acontecendo. Antes mesmo de transformar a realidade, as pessoas se transformam ao se unirem em torno do bem comum e na colaboração, sabendo que suas ações estão interligadas e compondo um propósito compartilhado de impactar positivamente o mundo. Transformar transformando-se é o que acontece já no primeiro passo de alguém na direção do mundo, para além do próprio umbigo, do projeto de vida individual, do exercício obrigatório da cidadania em todas as relações e dimensões da vida.

Voluntários são, antes de tudo, pessoas que querem resolver as coisas, tirar problemas do caminho para deixar a vida fluir. E a vida é plural e compartilhada. Raramente, vamos encontrar um voluntariado solitário e silencioso. Mesmo quando individual, não é isolado, desarticulado e a comunicação, não o silêncio, é que gera o senso de pertencimento a algo maior. Se a pobreza e a desigualdade chamam mais a atenção de muitas pessoas voluntárias, motivos não faltam para isso, mas a dimensão ética presente nesta visão de trabalhar pelo desenvolvimento sustentável gera a compreensão de que tudo faz sentido. Atuar no campo ambiental, educacional, da ciência, da saúde, das artes e cultura, com gente pobre ou gente rica, é tudo parte do mesmo esforço para tornar o mundo mais sustentável para todas as pessoas.

Quando um valor pessoal não dialoga com a ideia de um mundo melhor para TODAS as pessoas, contrariando o que está no artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos – Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos - há um problema para essa pessoa que quer ser voluntária. Não há voluntariado que não se comprometa com essa combinação básica, estruturante, que fizemos em 1948. Pode ser qualquer tipo de ação, mas não será voluntariado se não respeitar a vida e, assim, todas as pessoas em sua diversidade tão rica e enriquecedora.

Se a motivação inicial não levava em consideração um propósito tão maior do que o simples gesto de dar o primeiro passo em direção ao mundo, com certeza o que fará ficar, fazer e, mais que isso, dizer-se uma pessoa voluntária. Veja que as pessoas dizem que SÃO voluntárias e não que fazem voluntariado. É a pluralidade de motivações e causas em torno do propósito maior de promover o desenvolvimento sustentável que torna o voluntariado uma prática tão bonita e essencial para o mundo.





Conclusão: depoimento de um voluntário

Nada melhor para terminarmos estas reflexões sobre o Voluntariado no Brasil, e o retrato destas últimas duas décadas de ação com o depoimento de um voluntário!

Alguém que inspirado pela repercussão da pesquisa e da celebração do ano internacional do voluntário se engaja em ações de voluntariado ainda na escola e vai ao longo do tempo se dedicando, com comprometimento e entusiasmo e construindo uma linda história de transformação pessoal!

“Eu sou Lorenzo Vieira, Voluntário! A prática do voluntariado me fortaleceu, me transformou, me levou para outras realidades, me deu a oportunidade de praticar a minha cidadania e de ser solidário e fraterno.

Em 2001, foi celebrado o Ano Internacional do Voluntário, instituído pela ONU - Organização das Nações Unidas como uma forma de divulgar e estimular o voluntariado em todo o mundo, e ainda mostrar que ser voluntário é uma ferramenta de transformação social. Foi nesse ano, que aos 16 anos, eu percebi que poderia participar e atuar como voluntário, em projetos junto a escola onde estudava ou na minha comunidade. Sempre fui comunicativo e gostei de estar com pessoas. Por meio do meu trabalho voluntário, veio a inspiração para poucos anos depois eu escolher a profissão de comunicólogo e ainda de atuar na área de rádio e TV.

Dez anos depois, celebramos a Década do Voluntariado, e mais uma vez, uma rede de organizações e projetos do mundo inteiro se reuniram para divulgar suas práticas e ações voluntárias. Nesta ocasião, eu atuava como palestrante-voluntário em um Centro de Voluntariado, fomentando e orientando sobre os primeiros passos para a escolha de uma atividade voluntária.

No ano de 2021, marcado pela pandemia, uma rede potente e dedicada de ajuda e apoio marca os meus 20 anos de atuação voluntária! Hoje, além das iniciativas pessoais e individuais, atuo junto ao Programa de Voluntariado Corporativo organizado na empresa de telecomunicação onde trabalho!

A prática do voluntariado me fortaleceu, me transformou, me levou para outras realidades, me deu a oportunidade de praticar a minha cidadania e de ser solidário e fraterno.

Se por um lado em 2021 nós estávamos isolados, seguimos solidários e atuando nas práticas voluntárias: costurando e distribuindo máscaras, gravando vídeos de histórias para

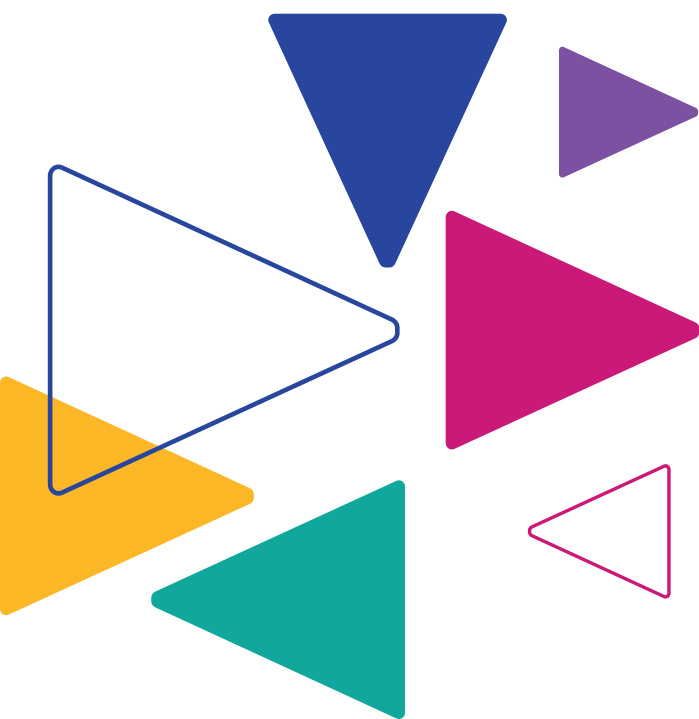
crianças ou músicas para jovens, mobilizando recursos para pessoas em vulnerabilidades, apoiando e mentorando alunos para não desistirem dos estudos, organizando campanhas para atender os mais vulneráveis, realizando visitas online em abrigos e asilos. Estas e muitas outras ações aconteceram em todas as partes do mundo, reforçando que para o bem não existem barreiras geográficas ou culturais. Voluntários usaram as mídias sociais ou aplicativos de comunicação como ferramenta de mobilização, engajamento e divulgação de suas ações.

Nas últimas duas décadas, os movimentos e redes promotoras do voluntariado facilitaram o encontro de voluntários com causas e projetos, promovendo aprendizados e trocas de experiências ao redor de todo o mundo.

Voluntários tiveram um papel importantíssimo, em 2021, ao mostrar, que apesar de todos os desafios, encontram forma e energia para realizar! As organizações e os movimentos de promoção do voluntariado têm e terão um papel cada vez mais relevante para educar e fortalecer a sociedade para que as ações sejam contínuas, relevantes e realizadas com qualidade e dedicação.

Promover o voluntariado é como lançar uma pedra no meio de um lago, a onda no começo é pequena, quase imperceptível, mas ela vai se espalhando, com o tempo e ocupa toda superfície do lago!

Inevitavelmente, enfrentaremos novas crises e precisaremos ser cada vez mais perseverantes e criativos, e praticar mais e mais atividades voluntárias!”





Apoiadores da Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021

Reunimos o registro sobre os Programas de Voluntariado Corporativo das empresas que acolheram a oportunidade de participar conosco do projeto “Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021”, como patrocinadores.

Uma pesquisa como esta, além de identificar, valorizar e reconhecer o serviço voluntário no nosso País, amplia o conhecimento sobre as possíveis diferenças, tanto regionais como nos vários segmentos, com destaque para o voluntariado empresarial.

O voluntariado é estratégico para as empresas, seja para potencializar seu investimento social, para promover uma boa relação com a comunidade ou ainda para desenvolver seu público interno. Seja ele realizador e engajador ou apenas mobilizador e motivador para as ações, sempre vai gerar benefícios e transformações para a empresa que promove a atividades e ainda para quem recebe e quem pratica a ação!

A confiança e o apoio recebidos para a realização deste projeto certamente chancelam e legitimam o voluntariado como estratégico e fundamental para que hoje e também para as gerações futuras, tenhamos um país mais sustentável, igualitário, justo e solidário.

▶ AMBEV

“Sonhamos grande por um futuro com mais razões para brindar.” Esse é o propósito da Ambev. Mais que uma empresa brasileira, com sede em São Paulo, presente em 18 países, e detentora de marcas icônicas como Brahma, Skol e Guaraná Antarctica, a empresa é uma plataforma com diversos negócios, que facilita a conexão entre as pessoas e gera crescimento para todo o ecossistema, como o BEES, voltado aos parceiros varejistas, e o Zé Delivery, o app de bebidas presente em mais de 300 cidades. No Brasil, são mais de 30 mil colaboradores que dividem a mesma paixão por produzir bebidas com tecnologia de ponta para garantir momentos de celebração e diversão.

Desde 2018, a Ambev conta com o VOA - programa que atua junto a ONGs para melhorar questões relacionadas à gestão, ao desenvolvimento de pessoas e à organização financeira. A proposta foi desenvolvida em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 1, 4, 8 e 17 da ONU, que busca tornar o mundo mais inclusivo e sustentável.

Os colaboradores da companhia doam tempo e conhecimento para alavancar o impacto social de organizações que atuam em todas as áreas, especialmente no desenvolvimento,

educação e geração de oportunidades para crianças e jovens. As ferramentas disponibilizadas no programa ajudam as ONGs a ampliar o alcance de seu impacto positivo na sociedade.

BRADESCO

O Bradesco é uma das maiores instituições financeiras privadas do Brasil, com sólida atuação voltada aos interesses de seus clientes desde 1943. O banco está presente em todos os municípios do País, com ampla variedade de produtos e serviços bancários e de seguros. Além da excelência em serviços, destaca-se por ser um dos melhores gestores de recursos do mercado, com resultados construídos sobre bases sustentáveis.

Sustentabilidade é a jornada que o Bradesco escolheu seguir: promover o desenvolvimento sustentável faz parte do propósito do Banco e se traduz em suas práticas, relacionamentos e nos resultados de seus negócios. Cada vez mais, a Organização busca aprimorar sua gestão sobre os fatores ambientais, sociais e de governança. O objetivo é garantir que o Bradesco esteja preparado para os desafios do futuro e seja um agente de transformação positiva, gerando valor compartilhado com a sociedade, clientes, funcionários, investidores e parceiros.

O Programa Voluntários Bradesco, criado em 2007, estimula o exercício da cidadania, desenvolvendo ações próprias e apoiando as ações organizadas pelos funcionários e estagiários em todo o Brasil. Por meio de manuais de orientação e oficinas de capacitação presenciais e online, o Programa incentiva a atuação voluntária de seus colaboradores. As atividades são organizadas e realizadas nas mais diversas formas e frentes de atuação, e estão alinhadas ao propósito da Organização Bradesco e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável instituídos pela ONU. Práticas de mensuração de resultados e de reconhecimento são adotadas para valorizar e engajar os voluntários.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO

Há 23 anos no Brasil, a Fundação Telefônica Vivo é uma das responsáveis pela esfera social no conceito ESG ou ASG (Ambiental, Social e Governança) da Vivo, alinhada ao propósito da Companhia e confiante que a digitalização do Brasil é um importante facilitador para uma sociedade mais justa, humana e inclusiva. Nesse sentido, o foco da atuação social da Fundação está em apoiar a “digitalização da educação pública”, voltada para o desenvolvimento das competências digitais de educadores e estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

O Programa de Voluntariado é uma iniciativa global do grupo Telefônica, que atua há 23 anos no Brasil, e tem como objetivo incentivar os colaboradores a se envolverem, cada vez mais, em ações que gerem impacto social em prol de um mundo mais justo e igualitário.

É oferecida aos colaboradores da Vivo a possibilidade de participar de ações voluntárias, presenciais ou virtuais, durante todo ano. A tecnologia é utilizada a favor do voluntariado para mobilizar e impactar cada vez mais pessoas nas ações do programa. Em 2021, foram 216 mil pessoas beneficiadas no país, com a participação de 19.275 voluntários únicos e que dedicaram 88 mil horas ao voluntariado. Participar do programa é uma experiência transformadora na vida de todas as pessoas envolvidas.

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL

O Itaú Social desenvolve, implementa e compartilha tecnologias sociais para contribuir com a melhoria da educação pública brasileira. Sua atuação está pautada na formação de profissionais de educação, no fomento a organizações da sociedade civil e na realização de pesquisas e avaliações.

O Programa de Voluntariado busca criar condições que favoreçam a atuação social dos colaboradores do conglomerado Itaú Unibanco e da sociedade, oferecendo oportunidades de participação social e incentivando a prática voluntária.

Os 42 Comitês Mobiliza Itaú são a principal estratégia de disseminação da importância do voluntariado junto aos colaboradores. Organizados por polos administrativos, redes de agências ou por cidades, esses grupos atuam junto às suas equipes para propagar as ações disponíveis e estimular a prática voluntária pelo País, mantendo o alinhamento institucional com as causas do Itaú Social.

RAÍZEN

Somos a Raízen – referência global em bioenergia com um ecossistema integrado de negócios: desde o cultivo e processamento da cana em nossos parques de bioenergia, até a comercialização, logística e distribuição de combustíveis, investimos continuamente em inovação para redefinir o futuro da energia.

Por meio de tecnologias avançadas, buscamos o protagonismo na transição energética, ampliando nosso portfólio de renováveis, como o etanol de segunda geração (E2G), o biogás, a bioeletricidade e a geração de energia solar. Contamos com um time de 40 mil colaboradores e colaboradoras no Brasil e na Argentina e estamos entre as maiores empresas em faturamento no Brasil, gerando emprego e renda, dinamizando a economia e investindo em responsabilidade social via Fundação Raízen.

O programa VOAR - Voluntários em Ação Raízen é uma iniciativa que visa fortalecer a cultura do voluntariado na companhia, como meio de realização do propósito individual na experiência dos colaboradores e colaboradoras. Iniciado como uma forma de estarmos ainda mais engajados e irmos além das campanhas internas, o VOAR é parte da estratégia de performance social da Raízen e reforça o compromisso de sermos protagonistas em impacto social positivo. O programa está disponível para todos os territórios em que a Raízen opera e conta com quatro frentes de atuação: Mão na Massa, Interação, Campanhas de Arrecadação e Mentoria Social.

SICOOB

Imagine mais de seis milhões de pessoas construindo juntas um mundo com mais cooperação, pertencimento, responsabilidade social e justiça financeira: este é o Sicoob – Sistema de Cooperativas Financeiras do Brasil.

Quem faz parte do Sicoob conta com mais de 3 mil pontos de atendimento, milhares de caixas eletrônicos e uma diversidade de canais digitais que permitem o acesso a um portfólio completo de produtos e serviços financeiros – como conta corrente, investimentos, crédito, cartões, previdência, consórcio, seguros, cobrança e muito mais.

O Sicoob promove o programa Voluntário Transformador. Atualmente, são mais de 4.000 colaboradores engajados no programa gerenciado pelo Instituto Sicoob para o Desenvolvimento Sustentável, a organização de investimento social estratégico do Sicoob. Incentivados pelo propósito do cooperativismo e do Sistema Sicoob e pela percepção de seu papel como cidadão e agente transformador, os colaboradores engajados participam de iniciativas que visam beneficiar instituições e comunidades.

O Instituto atua em três eixos: 1. Cooperativismo e Empreendedorismo; 2. Cidadania Financeira e; 3. Desenvolvimento Sustentável. Os Voluntários Transformadores contribuem em cada um dos programas desenvolvidos nesses eixos como programas de Educação Financeira, de Educação Cooperativista, o Clínica Financeiras com atendimentos gratuitos sobre melhorias dos hábitos financeiros, o Expresso Instituto Sicoob que oferta capacitações profissionais, o Cooperativa Mirim nas escolas, entre outros.



SUZANO

A Suzano é referência global no desenvolvimento de soluções sustentáveis e inovadoras, de origem renovável, e tem como propósito renovar a vida a partir da árvore. Maior fabricante de celulose de eucalipto do mundo e uma das maiores produtoras de papéis da América Latina, atende mais de 2 bilhões de pessoas a partir de 11 fábricas em operação no Brasil, além da joint operation Veracel.

Com 98 anos de história e uma capacidade instalada de 10,9 milhões de toneladas de celulose de mercado e 1,4 milhão de toneladas de papéis por ano, exporta para mais de 100 países. Tem sua atuação pautada na Inovabilidade – Inovação a serviço da Sustentabilidade – e nos mais elevados níveis de práticas socioambientais e de Governança Corporativa, com ações negociadas nas bolsas do Brasil e dos Estados Unidos.

Há mais de 20 anos, a Suzano criou o programa Voluntariar, que busca estreitar o relacionamento com as comunidades próximas das suas operações, estimulando colaboradores(as), prestadores(as) de serviço, familiares e parceiros(as) para iniciativas voluntárias apoiadas pela empresa. O objetivo é fortalecer o protagonismo social e reforçar o propósito de plantar o futuro promovendo uma mudança positiva na sociedade, trabalhando de forma colaborativa pela educação, sustentabilidade, diversidade e inclusão.

Em 2021, foram mais de 1700 voluntários(as). Entre 2019 e 2020 já somam 76.553 beneficiados(as) diretos e indiretos. Em parceria com instituições sociais, desenvolveram diversas iniciativas como o Formare, curso de capacitação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social; a JA Startup, aprendizagem prática em que jovens transformam ideias em startups; e o Contribuindo para o Futuro, projeto que incentiva a troca de conhecimento dos(as) Trainees Suzano, que atuam como mentores(as) de jovens universitários(as).



ORGANIZADORES DA PESQUISA VOLUNTARIADO NO BRASIL 2021



Silvia Maria Louzã Naccache é empreendedora social, palestrante, avaliadora de projetos, conteudista e consultora na área de Voluntariado, Responsabilidade Social, Desenvolvimento Sustentável e Terceiro Setor. Articula parcerias com organizações da sociedade civil, governos, escolas, universidades e empresas. Organiza, ministra e facilita cursos, palestras, oficinas e eventos. Avalia projetos para editais e premiações. Conselheira voluntária da ABRAPS, da Associação Vaga Lume e do Minas Voluntário. Voluntária do Movimento Todos Juntos Contra o Câncer, do Instituto Remo Meu Rumo, da ABRALÉ, do Movimento Nacional ODS – São Paulo e do Impact2030. Fundadora e voluntária do Grupo de Estudos de Voluntariado Empresarial desde 2009. Coautora do livro *Voluntariado Empresarial – Estratégias para Implantação de Programas Eficientes*. Conteudista e roteirista de cursos, palestras e textos, tem mais de 100 artigos publicados em revistas e plataformas: Rede Filantropia, Observatório do Terceiro Setor, Captamos/ABCR, Altrus, Escola Aberta do Terceiro Setor, LinkedIn, entre outras. Participa de redes e de movimentos de promoção do Voluntariado e do Voluntariado Empresarial do Brasil e do mundo. Coordenou por 14 anos o Centro de Voluntariado de São Paulo. Graduada em Ciências Biomédicas pela UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.



Kelly Alves do Carmo é cientista social, mestra em gestão para a sustentabilidade, MBA em recursos humanos e especialista em responsabilidade social, projetos sociais e terceiro setor. Profissional com mais de 20 anos na área social. Sendo: 14 anos de experiência em projetos sociais e educacionais no terceiro setor; e 6 anos na área de responsabilidade social e sustentabilidade empresarial. É voluntária há mais de vinte anos em diversos movimentos e entidades sociais. Experiência em dialogar e atuar com diferentes partes interessadas (*stakeholders*) e sólidos conhecimentos na implantação, execução e monitoramento de projetos sociais com diversidade de parceiros, com comunidade, entidades, empresas e órgãos governamentais. Experiência em dar treinamentos e consultoria para empresas e organizações da sociedade civil promoverem ações visando o desenvolvimento de pessoas, responsabilidade social, sustentabilidade,

desenvolvimento sustentável, voluntariado, aprendizagem profissional, educação popular, diversidade, mobilidade urbana, políticas públicas e boas práticas.



Felipe Pimenta de Souza é consultor internacional especialista em responsabilidade social corporativa, voluntariado e megaeventos internacionais. Participa dos programas de juventude do Rotary Internacional há 20 anos: Interact Club, Rotaract Club e Rotex, ocupando diversos cargos de liderança. Foi bolsista pelo intercâmbio do Rotary Internacional na Bélgica (2006-2007) e no Equador (2013). É formado em relações públicas pela Faculdade Cásper Líbero, pós-graduado em Comércio Internacional pela FIA, em 2018, foi selecionado como representante brasileiro do mestrado Erasmus Mundus em Desenvolvimento Territorial em três universidades europeias: Università di Padova (Itália), KU Leuven (Bélgica) e Universidade Paris-1 – Panthéon-Sorbonne (França). Trabalhou em empresas como Grupo Air-France-KLM, Câmara de Comércio Francesa no Brasil (CCI França-Brasil), Burson-Marsteller e Agência u.ma. Durante os últimos 5 anos em que esteve no Brasil, atuou na área de Responsabilidade Social de empresas de telecomunicações, como Nextel e Claro. Atualmente, contribui no Observatório para Pesquisa em Megaeventos da Université Gustave Eiffel (Paris-França) e é consultor da Rumos Sustentabilidade.

